

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO**

UBIRATAN NASCIMENTO DE ALENCAR JUNIOR

Profissão Repórter:

Um Estudo de Caso das representações sobre o Nordeste brasileiro

**Natal
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO**

UBIRATAN NASCIMENTO DE ALENCAR JUNIOR

Profissão Repórter:

Um Estudo de Caso das representações sobre o Nordeste brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Estudos da Mídia como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Mídia, na linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Produção de Sentido, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Doutor Itamar de Moraes Nobre.

Natal
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Profissão Repórter:

Um Estudo de Caso das representações sobre o Nordeste brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Estudos da Mídia como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Mídia, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Produção de Sentido, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do professor Doutor Itamar de Moraes Nobre.

Apresentado em: de de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Orientador

Prof^a. Dr^a. Valquíria Kneipp Passos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente da Banca

Prof^a. Dr^a. Taciana de Lima Burgos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno

Prof^a. Dr^a. Marcília Mendes
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
Examinador Externo

Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno

RELATOS

“Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos.
Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos”

BACHELARD

Em "Poética do Espaço" (1979, p.204-205)

INTERAÇÃO

“... Suas perguntas revelam muito mais sobre você mesmo que minhas respostas sobre mim.
–eu as fiz com sinceridade
–Sr. Locke, podemos conversar se não for apenas sobre
o que você acha ser sincero, mas também
sobre o que eu acredito ser honesto
(O Passageiro – Profissão Repórter, 1975)

AGRADECIMENTO(S)

Quero agradecer a Deus, em quem entendo que ingressar e concluir este Mestrado é um gesto da Graça d'Ele e a quem creio que pertence os verdadeiros mistérios da sabedoria e da Ciência.

Muito obrigado a minha família por estar sempre ao meu lado quando mais preciso e pelo apoio fundamental para me dedicar aos estudos. Em especial a minha mãe, professora Suely de Sousa Costa que, para mim, é Mestre em demonstrar o amor e doutora em ser minha incentivadora na busca pelos meus objetivos; Em especial, a minha amada, Daniela Christina Gioppo de Alencar, que me apóia e me motiva em cada passo que dou, fazendo parte de cada sonho ; a minha irmã Natália Ribeiro, a quem também dedico este trabalho.

Agradecimentos especiais a toda minha família, meu pai, Ubyratan Nascimento, meu cunhado e cunhada, meus sogros, Gladys e Luciano Gioppo pelo exemplo nas metas da vida.

Agradeço a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pela generosidade na resolução dos problemas e pelos ensinamentos das disciplinas.

Menciono honrosamente o nome do professor doutor Itamar de Moraes Nobre, o orientador desta pesquisa, por sua generosidade, paciência e sugestões dadas no decurso desta pesquisa. Meus sinceros agradecimentos e reconhecimento de que ainda vamos trilhar mais caminhos pela investigação acadêmica.

Meu agradecimento aos amigos da secretaria de Comunicação Social do TJRN, onde sou servidor público, que compreenderam as ausências e menor dedicação ao trabalho, diante das exigências desta pesquisa acadêmica. Meus agradecimentos a Adelmário Costa, Andreia Ramos, Carla França, Juliano Souza, Juliska Azevedo, Luciana Estér, Luiz Freitas, Tasso Pinheiro, Wabner Alves e Wesley Moraes, que representam os outros servidores da Secom/TJRN.

Menciono as professoras doutoras Valquíria Kneipp e Angela Pavan, dedicadas e pacientes em colaborar com este estudo, bem como a professora doutora Eloisa Klein, gentil em colaborar com informações sobre o objeto desta dissertação, o qual também foi objeto de suas pesquisas acadêmicas, além da professora doutora Taciana Burgos, que dispensou tempo para avaliar o percurso científico deste trabalho. Meu muito obrigado.

Muito obrigado a Universidade Potiguar, UNP, em especial à coordenação de Comunicação, representada por Valéria Credídio e Ana Paula de Souza, através da qual realizamos uma importante entrevista com o jornalista Caco Barcellos, apresentador do programa “Profissão Repórter” e palestrante convidado pela instituição de ensino, em um congresso realizado em 22 de outubro no Centro de Convenções de Natal. Momento esse que contribuiu para o material desta pesquisa.

Profissão Repórter:

Um Estudo de Caso das representações sobre o Nordeste brasileiro

RESUMO

A pesquisa define-se como um Estudo de Caso que toma como objeto central o programa televisivo Profissão Repórter, exibido semanalmente pela Rede Globo, às terças-feiras, na faixa de horário das 23h40min. De base empírica, a pesquisa efetua a problematização do jornalismo e as representações sociais através dele articuladas para a construção de abordagens sobre o que se definiu como “Nordeste brasileiro”. Nesta meta, o estudo busca o acionamento de uma multiplicidade de ângulos e métodos que permitam iluminar aspectos específicos do caso estudado, bem como os aspectos que se entrecortam na produção dos significados. O Profissão Repórter se constrói, assim, como o objeto apropriado para analisar as teorias de autorreferencialidade e a força do contrato midiático, tendo em conta a imbricação nas lógicas derivadas de gêneros não factuais e relacionados ao entretenimento, que formatam ou retroalimentam o que se estabeleceu, no decurso do tempo, como as “reais” características deste espaço regional.

Palavras-chave: Profissão Repórter; autorreferencialidade; Nordeste; sentidos.

Profissão Repórter: A Case Study of representations of the Brazilian Northeast

ABSTRACT

Research is defined as a Case Study that central object the TV show Profession Reporter, appears weekly by Rede Globo, on Tuesdays, in the 23:40 time range. Empirical basis, the research makes the questioning of journalism and social representations through it articulated for the construction of approaches to what is defined as "Brazilian Northeast." In this goal, the study seeks to drive a multiplicity of angles and methods to illuminate specific aspects of the case study, as well as areas that intersect in the production of meaning. The Job Reporter is built, as well as the appropriate object to analyze the theories of self-referentiality and the strength of the media contract, given the overlap in the derived logical not factual genres and related entertainment that format or feed back what is established in the course of time, as the "real" features of this regional space.

Key-words: Profissão Repórter. self-referentiality; northeast; directions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 CAPÍTULO I: ENTRE MEMÓRIAS E CRIAÇÕES, UM “NE”.....	26
2.1 Heranças que o tempo (não) apaga.....	26
2.2 As raízes de um “Nordeste”.....	31
2.3 Os conceitos de Luhmann e o ambiente Nordeste.....	34
2.4 O “Nordeste” e a mídia: construções silenciosas.....	37
3 CAPÍTULO II: EM BUSCA DO 'NORDESTE' DE PROFISSÃO REPÓRTER.....	41
3.1 A Pedagogia do “Profissão Repórter”.....	41
3.2 Personagens: 'alguns para representar tantos'.....	42
3.3 “Envolve-me, logo reporto”.....	45
3.4 O contrato midiático, o 'real' e o estigma.....	53
4 CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS.....	56
4.1 O “Discurso”: além da polaridade 'emissor-receptor'.....	56
4.2 Imagética complexa, métodos complementares.....	59
4.3 O <i>nordeste</i> do “Profissão”: o <i>filho</i> de um retirante.....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
6 REFERÊNCIAS.....	83
7 APÊNDICE.....	86

1 Introdução

O início desta dissertação precedeu a incursão nas disciplinas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Surgidas em caráter espontâneo e como hábito particular, as anotações ocorreram no primeiro contato com a edição “Pixadores de rua”, exibida inicialmente pelo programa dominical “Fantástico”, no ano de 2006.

Anunciada pelos jornalistas e apresentadores da Revista Eletrônica Pedro Bial e Glória Maria, o episódio apresentava um formato diferenciado, tanto pelo uso das técnicas quanto pela narrativa dos chamados “bastidores” da notícia, discorrendo sobre os “desafios” do repórter, na busca pela exposição dos vários “ângulos” de um assunto.

Tais palavras se tornaram epígrafes do programa comandado desde então pelo jornalista da emissora e apresentador do programa Caco Barcellos.

Desde então, as anotações, embora esparsas, se consolidaram e motivaram, em caráter privado, um passo além da simples curiosidade, mas a necessidade de aprofundar, agora em uma análise mais científica, os efeitos de sentido definidos pelo programa da Rede Globo, que, gradativamente, ganhava mais espaço na grade.

Realizou-se, assim, uma incursão inicial pelas origens da atração, bem como pelas raízes do jornalismo investigativo e, posteriormente, o recorte de um *corpus* que nos auxiliasse a perceber as representações sobre o Nordeste.

O programa supracitado iniciou em maio de 2006, como um quadro do Fantástico, com três edições especiais nas noites de quinta feira, apresentadas nos dias 30 de agosto, 18 de outubro e 13 de dezembro do ano de 2007. O quadro no Fantástico seguiu essa linha até o último episódio, totalizando 48 edições, atração isolada da revista eletrônica, demonstrando o cotidiano de pessoas que buscam ser famosas.

O programa, com seus atuais 40 minutos de duração, manteve as mesmas características após integrar a programação da rede, em 3 de junho de 2008, permanecendo o destaque à interatividade, sem formalismos, entre repórteres e seus personagens, característica essencial para se estabelecer a narrativa apresentada.

Em sua primeira exibição no novo horário, já alcançou 21 pontos de audiência e em 10 de julho atingiu seu melhor índice, de 22 pontos, segundo o IBOPE.

A proposta do quadro era permitir o exercício do jornalismo investigativo para uma equipe de oito jovens jornalistas e, ao mesmo tempo, apresentá-las. definida anteriormente com os epígrafes já citados: “os bastidores da notícia” e os “Desafios da Reportagem”, termos

cunhados pelo apresentador, já acostumado com tais práticas.

Buscando direcionar a equipe para que visualizasse a reportagem não em fases ou etapas, mas a compreensão do processo como um todo, sobrepujando os “desafios” da produção, investigação, busca pelas fontes, entrevistas e edição.

O teor das matérias abarcavam temas como boias-frias, pescadores, motoboys, bombeiros, trabalhadores em canaviais, entre outros assuntos relacionados ao trabalhador brasileiro e suas dificuldades, como a vida daqueles que tem mais de um emprego simultaneamente para sustento.

Os episódios buscam demonstrar, através de uma equipe formada por jovens repórteres, o que o próprio programa define como “bastidores” e “desafios” da reportagem, a qual é executada, em todas as etapas, pelo mesmo profissional, pontuadas por interferências de Caco Barcellos. O repórter, então, não apenas constrói um texto, mas capta imagens em ângulos diferenciados e participa da finalização das matérias.

Uma espécie de segunda câmera também é percebida em algumas edições, o que gera variedade nos cortes entre as imagens e, por sua vez, permitem uma melhor compreensão do ambiente explorado pela equipe de Caco Barcellos.

No entanto, a inovação do programa não se dá apenas na aparente informalidade do esqueleto da matéria ou na apresentação dos bastidores, que faz com que o telespectador também se sinta participante do processo; mas, também varia e inova no momento em que o integrante da equipe alterna entre as funções que exerce, de edição para edição.

Além de informar o telespectador, o programa mostra todo o processo de produção da reportagem desde a apuração até a edição, apresentando assim todas as dificuldades envolvidas no trabalho dos repórteres, criando então uma proximidade com o telespectador que se sente participando de cada etapa. (ARANTES, 2001, p.1)

Em todas as etapas, percebe-se que a meta é, a partir de vários flancos, personagens e histórias de vida que atraiam o telespectador, com dados e contextos desconhecidos pela maioria da população.

Corroborando, Arbex (2001, p. 105) sintetiza:

Tudo se passa como se o “fato” fosse uma espécie de troféu a ser caçado pelo “bom jornalista” e generosamente doado a um público que, de outra, forma, dificilmente teria acesso ao conhecimento das coisas tais como elas realmente aconteceram.

Essa busca é demonstrada em uma característica predominante nas edições: a

retomada de pautas ou personagens, a fim de verificar a situação atual de um tema explorado anteriormente pelos jovens repórteres.

Comandado desde o início pelo jornalista Caco Barcellos, o programa “Profissão Repórter” reformulou alguns significados para a execução das reportagens que, ao contrário do que é definido nas normas do jornalismo tradicional, prescinde critérios dogmáticos e míticos como a “imparcialidade” e o suposto distanciamento entre o repórter e o entrevistado (BITTENCOURT, L. C, 1991).

Caracterizado pela exposição de diversos temas do cotidiano do Brasil e de outros países, em formato diferenciado retratava o riso, a lágrima, o sofrimento, a conquista, através de uma ampla interação do repórter com seus personagens e contextos.

A edição exibida no dia 21 de maio de 2013 exemplifica a construção deste envolvimento dos repórteres, através do drama da seca vivenciado pelos nordestinos, naquela que foi intitulada no episódio como a maior dos últimos 50 anos.

Na reportagem, o próprio apresentador, oriundo de outros programas da emissora que mantém um padrão convencional maior parte das produções diárias de matérias, demonstra o objetivo do “Profissão Repórter”: vivenciar o fato, permitir que a emoção flua e retratar, com o máximo possível de exatidão, a realidade das “donas marias” e “seus josés”, moradores de quatro estados do Brasil, castigados pela falta crônica de água .

Tal proposta recai sobre a emergência que o fator “personagem”¹ possui no programa objeto desta pesquisa e que tem sobressaído no jornalismo, relacionada à prática de debruçar-se sobre indivíduos ou casos específicos, fornecendo elementos que expandam determinada realidade e as consequentes problematizações.

O contexto histórico-social pode ser descrito como uma prática que tem se aprofundado, não apenas em áreas já praticadas como a História, as Ciências Sociais, mas, especialmente, no Jornalismo.

De acordo com Schmidt (1997), essa emergência ou urgência biográfica, revelada entre historiadores e jornalistas a partir de características do contexto social, trajetórias individuais, adotadas como inspiração a fim de trazer destaque para pessoas comuns, resulta na identificação do leitor ou telespectador no momento em que se comentam problemas privados, eivados de várias semelhanças entre os receptores/leitores ou audiovisuais.

É importante salientar a aproximação da história com a antropologia, na qual

1 KLEIN, Eloisa Joseane da Cunha. O personagem nas reportagens televisivas: o lugar da experiência individual e a possibilidade da reflexão contextual. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/eloC3%ADsa_joseane_da_cunha_klein.pdf. Acesso em: 15/08/2014.

o resgate das histórias de vida já é uma praxe, e com a literatura, preocupada com as técnicas narrativas de construção dos personagens. Já “a emergência das biografias no âmbito do jornalismo (...) relaciona-se com o impacto do movimento chamado *new journalism*”. (SCHMIDT, 1997, p. 3)

Destarte, o autor defende que há uma intenção de resgatar o papel do indivíduo, do gênero biográfico, da força dos laços sociais, que se opõe aos enfoques estruturalistas, convencionais que são “descarnados de ‘humanidade e [...] uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é recuperar a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social.” (SCHMIDT, 1997, p. 12).

Segundo Abreu (2009), o “Profissão Repórter” demonstra aplicar as estratégias de recursos da ficção, sem desprezar o apego aos fatos, reforçados pela costura do texto cena a cena, o uso dos diálogos reais, elementos de dramaticidade, além da descrição minuciosa de detalhes (características da residência pobre, das roupas, dos brinquedos improvisados).

A escolha de um ângulo para descrever a cena, com o uso de duas câmeras ou mais e narrativas de *offs*³ mais curtos, aliados ao imediatismo das situações, o realismo das cenas, a emoção, o diálogo e o foco em terceira pessoa, que são interligados em outras regiões do país ampliam a sensação de identificação causada no telespectador.

A proposta é então a de Analisar, através de um Estudo de Caso, as representações sobre o Nordeste brasileiro no programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão e refletir sobre as teorias de autorreferencialidade, contrato midiático e representações sociais, com base no corpus escolhido, composto por três episódios do programa e discutir, neste *corpus* escolhido, fazendo uso de metodologias complementares, qual o “nordeste” apresentado pelo “Profissão Repórter”.

Neste fim, recorreu-se a Fortes (2005) e Sequeira (2005), teóricos que forneceram elementos sobre o jornalismo investigativo, um dos princípios do programa, além das contribuições de Lage (2001), em relação à chamada grande reportagem. Estes autores permitiram verificar como se chegou à concepção contemporânea do Jornalismo Investigativo e como tal conceito se desenvolveu.

Os apontamentos de Rodrigues (2009) também possibilitaram a compreensão sobre a prática jornalística no que se refere a ideais de objetividade, imparcialidade e neutralidade, surgidos a partir da década de 1970 no Brasil, ideias indispensáveis e uma espécie de prerrogativa, diante da censura e dos limites impostos no período militar. Desta forma, o

2 ABREU, Allan de. *New Journalism: A Experiência literária no jornalismo*. Disponível em <<http://criticaecompanhia.com/allan.htm>>. Acesso em 14 de abril 2014.

3 Técnica de gravar a voz sobre as imagens apresentadas na tela. (BITTENCOURT, 1991)

distanciamento do chamado “juízo de valor”, distanciamento da opinião se vinculou não apenas a uma condição profissional e ética, mas, sobretudo de sobrevivência.

Os conceitos da chamada “forma extrema de reportagem”, definidos por Lage (2001) requerem maior dedicação em sua finalização e este patamar diferenciado também se apresenta nos requisitos propostos posteriormente, que definem como constituintes desta modalidade jornalística alguns procedimentos:

[...] promover reformas; expor injustiças; desmascarar fraudes; dar a conhecer o que os poderes públicos querem ocultar; detectar quais as instituições cumprem os seus deveres; demonstrar como funcionam os organismos públicos; dar informações aos leitores sobre políticos e suas intenções e reconstruir acontecimentos importantes. (LOPES E PROENÇA, 2003, p. 15).

Contribuindo com a noção específica de espaço e casa, especialmente em edições que retratam a saída do nordestino para outras culturas, buscando vencer as dificuldades de sua terra natal, Bachelard (1979, p. 358) tece a urdidura sobre os valores da intimidade do espaço, demonstrando que “a casa é nosso canto no mundo”, evidenciando a casa, física, como ponto de referência no mundo, signo de habitação e proteção, mantenedora da ligação entre o que é memória e imaginação e a conexão entre lembrança e imagem.

É como se a memória da primeira moradia acompanhasse o sujeito durante toda a vida, eterna em sua imaginação, apontamento esse que recai igualmente sobre o nordestino e sua participação na construção de representações acerca de seu espaço/casa.

O próprio conceito de Nordeste também foi alvo de pesquisa, em autores como Albuquerque (1999) e Vieira (2001), dentro da complexidade do tema “representações sociais”, debatidos inicialmente por autores como Durkheim (1975) e por Moscovici (2003), que forneceram, neste conjunto teórico, aportes para algumas ampliações e revisões sobre o objeto deste estudo.

O limite entre autorreferencialidade e o real ambiente externo, definido como 'Nordeste' pelo sistema midiático, foi conceituado por Luhmann (2000) que identificou como as definições, discursos e as próprias representações podem estar submetidas, de forma velada, às práticas discursivas e conceituais autorreferenciais, imiscuídos em elementos de metalinguagem ou intertextualidades.

Para o aporte técnico, necessário para estudo de caso, recorreremos aos estudos de Gomes e Soares (2012), que desenvolveram análises críticas sobre o programa da Rede Globo. Intencionando compreender o discurso e o poder simbólico presente na mescla entre imagens, *takes*, expressões e trilhas utilizadas no *corpus* desta pesquisa, o exame discursivo

de uma das edições foi escolhida como uma estratégia metodológica complementar ao estudo de caso. (CHARAUDEAU, 2012; BOURDIEU, 2001; FOUCAULT, 1996).

Em relação às distinções entre o cenário real e o cenário promovido pela ilusão de um “real”, que na voz da força midiática, especificamente do telejornalismo, torna-se uma espécie de condutor, traz a visão do telespectador, dos signos imagéticos para a imagem em si, como o ente autorizador e portador do mundo tal como ele é, Comolli (2008) e Leal (2009) trouxeram importantes contribuições teóricas.

Outros autores como Fausto Neto (2007) e Certeau (1994) contribuíram para a percepção do poder midiático que está presente no cotidiano, como um “mal estar” ignorado ou uma 'presença' constante e acompanha o telespectador.

Propõe-se, assim, contribuir sobre os estudos da mídia voltados à compreensão de como a Região Nordeste e sua cultura podem ser codificadas por um centro da indústria cultural de massa.

Tal abordagem converge com o conselho do folclorista potiguar Câmara Cascudo ao comunicólogo pernambucano Luiz Beltrão: “Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. [...] Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés” (CASCUDO, pp.133 e 140, 1965).

Este estudo segue a propositura de Popper (2004), na qual se enxerga que a ciência tem seu ponto de partida na pergunta elaborada e não nos fenômenos apresentados. Tem seu início em “um problema” (2004, p.20), que surgiria numa determinada etapa do nosso conhecimento ao longo do tempo.

No entanto, se tal problemática sofre, além dos processos comunicativos interacionais, a interferência da “mídiatização”, a dificuldade de análise se acentuaria, quando a meta é compreender, extrair uma análise ou um estudo que envolva os fenômenos sociais.

A busca, neste contexto, se voltaria ao que o pesquisador também definiu como “aproximação à verdade” (POPPER, 1999, p. 39), pelo entendimento de que há uma realidade, a qual também é, por nós, vivenciada.

Assumir tal percepção tornou-se essencial para que fosse realizado o estudo da relação entre o espaço Nordeste e o “Profissão Repórter”, contudo, o objeto em estudo não foi observado como reflexo exato de um ideal de compreensão acerca do Nordeste brasileiro, ou um vetor generalista, mas visto como um elemento integrante de um processo mais complexo de mídiatização, considerando as interações sociais presentes e articuladas neste processo comunicacional.

Como Estudo de caso, a ênfase concentrou-se na elucidação sobre aspectos específicos

e aspectos transversais do programa, que situam o caso em pesquisa no contexto de uma sociedade que está em constante midiatização.

Para fundamentar tal noção, autores como Bucci (2005) e Debord (2003) foram acessados, tendo em vista a relação que ambos descrevem sobre o teor do conteúdo da televisão, relacionando-a a termos como espetáculo e alienação, estabelecendo os critérios do espetáculo como uma mescla do desejo inconsciente, do modo capitalista de produção, somados ao mercado de consumo.

Para os autores, as relações sociais são permeadas pelas mídias, gerando o suposto questionamento: quem é o espectador de quem? A mídia, neste cenário, se apresentaria apenas como mais um elemento do processo complexo que gera uma midiatização.

Ao considerar tais elementos, propõe-se investigar como um eixo que pode ser definido como produtor de uma indústria cultural de massa, localizado na Região Sudeste, a Rede Globo de Televisão, representa o “Nordeste” nas produções do programa “Profissão Repórter”.

Pareceu-nos apropriado recorrer a um Estudo de Caso, composto de três edições do programa, sem prejuízo do estudo de outras reportagens sobre temas recorrentes e realidades, a fim de verificar como este centro hegemônico reproduz significados, reafirmando ou desconstruindo, temas voltados à imagética relacionada ao Nordeste.

Nosso problema consistiu em perceber como as representações presentes nos eixos Sul-sudeste e outro no Nordeste – estariam inseridas na forma de se projetar o Nordeste na tela do “Profissão Repórter”, na forma de epistemologias dominantes ou conhecimentos reproduzidos e repasse de saberes ou ainda na forma de subversão de saberes sobre o objeto de estudo. Itens que se tornaram condicionantes motivadores. O “Profissão Repórter” daria voz a essas 'epistemologias' suprimidas, expressada na voz das comunidades que são ouvidas?

Como o programa retrata o Nordeste a partir da visão de uma cultura hegemônica, originária do eixo sul sudeste e se tal posicionamento geográfico e econômico reforça os estereótipos do nordestino, como os retratados em outros programas da mesma emissora, como o “Zorra Total”, no qual o representante é exposto com traços de bom humor ou interpretado como um retirante e periférico ou ainda com traços físicos bem marcados por personagens com poucos dentes, faminto e que se veste mal, é a inquietação central que se pretende dirimir.

Nossa principal hipótese, neste trabalho, apontou para a possibilidade de que o programa poderia retratar o Nordeste a partir da visão de uma cultura hegemônica, originária do eixo sul-sudeste, detentor de uma indústria cultural de massa, na maior parte dos

programas. Até onde o homem/espectador é somente um mero 'observador' das noções apresentadas ou ele mesmo colabora para o estabelecimento de uma sociedade da mercadoria⁴, onde conceitos são “comprados” e re-comercializados indistintamente, é o que se pretende guiar por meio da pergunta central deste estudo e confirmar ou não tais hipóteses.

Uma apresentação que pode sugerir a manutenção desta região brasileira como aquela que sofre desníveis sociais no país, conforme dados do Censo de 2010 do IBGE⁵, os quais apontam indicativos de que o trabalho infantil distribui-se de maneira bastante desigual entre as regiões do país.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁶ prevê que, ao final de 2015, as regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste terão as menores taxas de trabalho infantil, permanecendo as maiores taxas na região Nordeste. Segundo a OIT, em 2012 o Nordeste possuía 49,54% das crianças trabalhadoras do Brasil e 12,94% das crianças nordestinas estavam trabalhando. Indicador que motivou a escolha de uma das edições, a qual abordou o problema em várias cidades nordestinas.

O estudo de caso buscou verificar o cumprimento ou não da previsão feita pela OIT e pelo IBGE, por exemplo, que reiteraram diferenças persistentes entre as regiões ao longo dos anos. Em 2001, do total de crianças em atividade laboral com idades entre cinco e 15 anos, 50% viviam no Nordeste brasileiro (1,5 milhão).

Maranhão e Piauí registraram as maiores porcentagens no que diz respeito ao trabalho infantil, com 18% e 14% de suas crianças nessa condição, respectivamente. As informações do último censo mostram que das crianças que trabalharam no Nordeste 94% não receberam os rendimentos ou tiveram como pagamento menos de um salário mínimo por mês naquele ano.

Para guiar esta hipótese – de que os dados oficiais puderam ser mantidos no programa jornalístico – buscou-se responder como um eixo inserido nesta indústria de comunicação de massa, localizado na Região Sudeste, a Rede Globo de Televisão, mantém ou produz novas representações e sentidos sobre o “Nordeste” (ou o que se definiu como tal), por meio das edições do programa “Profissão Repórter”.

A pesquisa se justifica na necessidade de verificar como as reportagens de “Profissão Repórter” interferiram na sensação de cansaço do telejornalismo ou de atmosfera

4 A sociedade contemporânea está imersa no conceito de sociedade da mercadoria, “em que o homem é reduzido a um papel de espectador” (JAPPE, 2005, p. 268) e, portanto, receptor de conceitos (DEBORD, 2003).

5 Indicadores Sociais Municipais 2010: incidência de pobreza é maior nos municípios de porte médio [Internet]. Brasil: IBGE; 2012 Nov 16 [acesso em 24 novembro 2014]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2019&id_pagina=1

6 Avanços nos indicadores de Trabalho Decente no Brasil é tema de relatório inédito da OIT [Internet]. Brasília (DF): OIT; 2012 Jul 19 [acesso em 24 novembro 2014]. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/node/876>

“claustrofóbica”, conforme Medina (2008, p.79), no que se refere à exploração de temas e práticas discursivas já estabelecidas pela televisão brasileira, que se configura na manutenção de técnicas e padrões textuais.

A saída das redações e dos cenários únicos, como praticado pelo jornalismo de “Profissão Repórter”, parece recair no que a autora define como uma oxigenação no jornalismo televisivo. Uma forma, segunda ela, de sair de um “foco de infecção ideológica” (MEDINA, 2008, p.79), de se permitir a mudança de uma pauta já viciada para uma reconfiguração na produção de narrativas. A reportagem real estaria, para a autora, bem longe dos tecnicismos das redações.

Dos convívios do cotidiano podem surgir vetores de renovação na atmosfera claustrofóbica de uma redação. A autoria criativa recebe do gesto e da voz dos saberes cotidianos uma inspiração inestimável que não se circunscreve nas ideologias de grupos nem em um paradigma científico absoluto. Tal inspiração desperta a respiração profunda e coletiva que desborda um sentido fragmentado e descortina uma visão de mundo (MEDINA, 2008, p.79).

A escolha pela Televisão tem sua justificação diante da importância desse veículo no âmbito da construção da identidade cultural de uma comunidade ou parcela populacional. Por sua vez, a escolha pelo programa e sua ótica sobre o Nordeste se deu pelo fato de que se distingue no que se relaciona à experimentação de pautas, na sequencia diferenciada do uso de técnicas, bem como na exploração de diversos pontos de vista e na tematização do processo de construção de uma reportagem.

O estudo de caso se faz necessário, a fim de verificar se as produções relacionadas ao Nordeste estariam afetadas pelas vivências e subjetividades dos repórteres, a ponto de produzir não apenas uma colagem do que o programa sugere como uma colagem de “vários ângulos”, mas estaria mais próximo de uma voz autoral. Contudo, para Medina (2008), se de um lado há uma tendência à formação de uma voz autoral; por outro lado, não há como se esquivar da objetividade “esquemática e burocrática” (2008, p.92) sem um mergulho no anonimato das subjetividades entrevistadas. Procura-se verificar como essa colagem de múltiplas vozes, a aparente acidental incongruência entre imagens e *off's* curtos (que é a voz do repórter compondo as imagens apresentadas) e como as decisões aparentemente tomadas ao longo do percurso de uma matéria investigativa interferem na produção de sentidos referentes às realidades e variedades de temas ligados ao povo nordestino.

Acreditamos que o engajamento investigativo de jovens pesquisadores com jovens repórteres pode facilitar ou ampliar a construção de um “multiálogo” ou mesmo um diálogo

mais regular entre Academia e televisão, com as possíveis ocorrências de curtos-circuitos teóricos e práticos no decorrer deste processo. No entanto, cremos também, que a instabilidade conceitual ou os vários conceitos sobre um assunto ou tema (como por exemplo, aqueles que envolvem as “Representações sociais”), que, ao nosso ver, se dá no percurso entre a problemática apresentada e a obtenção de considerações ainda não conclusivas, é parte também de toda produção de sentido e epistemológica.

A pesquisa se justifica na intenção de verificar, cientificamente, se há a formação de uma etnografia comunicacional, em que o outro se vê representado ou se, em verdade, tal indivíduo se identifica com antigas representações formuladas a seu respeito ou sua cultura e história, já que, em Profissão Repórter, as vozes de excluídos encontram espaço para mostrar como são ou na repetição de discursos sobre quem são.

O estudo de caso dialoga, igualmente, com Bakhtin (2003) na ideia de um mundo polifônico, no qual as vozes da narrativa adquirem um mesmo grau de importância na composição do que é falado ou sugerido pelo repórter e pelo apresentador. Um nível de construção que assume a máxima matemática de que a ordem dos fatores não afetaria o produto: assim, em Profissão Repórter, não importaria a ordem de aparição da repórter, das personagens, ou de uma voz autoral. Estabelece-se o chamado mundo democrático do autor, “pluralista, de vozes equipotentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra” (p.79). Consideração essencial para a solução do problema deste estudo.

Em outras palavras, o estudo se justifica para ressaltar, em caráter acadêmico, se o outro perpassa e condiciona o discurso do “eu” na formação de uma narrativa intertextual.

Como já dito anteriormente, nosso interesse pelo “Profissão Repórter” teve início bem antes da meta de se buscar respostas científicas sobre o programa. A partir da curiosidade natural despertada pela produção global, definimos o *corpus* do objeto a fim de se construir um processo de investigação, uma amostra desse universo mais amplo que seria estudada.

A opção por um Estudo de Caso partiu do princípio de que não tínhamos a intenção de examinar o próprio “universo” de “Profissão Repórter”, estabelecendo um sentido geral e definitivo sobre o “Nordeste” que é apresentado na tela. A escolha por essa metodologia de pesquisa se estabeleceu após a consideração de fatores como o tempo disponível para o estudo e pelo fator de que a intenção é o exame de uma unidade ou, num aspecto um pouco mais aprofundado, de parte desse “universo”.

Nossa preocupação foi a de perceber o que essa unidade ou parte considerada (o

corpus) ou o caso propriamente dito sugere a respeito desse todo e não o estudo apenas daquele caso, como se objeto final fosse a reportagem e não o que ela sugere diante da amplitude do programa. Tal raciocínio encontra amparo na própria origem do Estudo de caso quanto método de pesquisa.

De acordo, por exemplo, com Becker (1994) e Goldenberg (1997), essa metodologia tem suas bases na própria pesquisa médica e psicológica, com a análise detalhada de um caso individual, que fornecerá elementos para se caracterizar de modo amplo uma dada doença ou um distúrbio comportamental. É a busca pelo conhecimento de um fenômeno mais global, a partir da exploração pontuada de um caso em sua especificidade.

Embora também utilizado nas Ciências Humanas, em suporte para pesquisas qualitativas e apesar de autores como Chizzotti (2006) definirem a raiz do estudo de caso como modalidade de pesquisa em estudos da Antropologia, outros pesquisadores apontam seu uso mais amplo em objetivos que buscam o delineamento de grupos, comunidades, organizações e até no ensino jurídico nos Estados Unidos (GIL, 1995). No entanto, tais pesquisadores tem o comum argumento de que a opção por tal modalidade recai mesmo em direção à prática psicoterapêutica caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo, bem como ao trabalho dos assistentes sociais junto a uma parcela populacional.

Contudo, nossa opção se deu por ser, o Estudo de Caso, uma modalidade que é, atualmente, adotada na investigação de fenômenos ou objetos das mais diversas áreas do conhecimento, partindo desde a investigação de um caso clínico, técnica psicoterápica, metodologia didática ou modalidade de pesquisa. O ponto comum é partir de uma unidade ou parte de um universo e examinar o que foi sugerido, deste caso, para uma porção mais global do objeto investigado.

No caso específico deste trabalho, para decidir quais seriam os programas de televisão dos quais viria a amostragem analisada, foi pensado naqueles cujo tema possui relação com os dados fornecidos pelas estatísticas do IBGE e da Organização Internacional do Trabalho, e com temática relacionada a problemas sociais crônicos visualizados no espaço chamado “Nordeste brasileiro”. Edições sobre a Seca e o Trabalho Infantil; bem como o episódio sobre artistas populares, com fãs em cidades nordestinas, compuseram o *corpus* principal desta pesquisa.

O programa sobre o Trabalho Infantil também foi escolhido devido a uma das localidades para onde se dirigiu a equipe de repórteres ter sido o município do Rio Grande do Norte, de João Câmara, localizado na chamada Região do Mato Grande Para tanto, foram feitos downloads desses episódios, sem prejuízo de compará-los com outras edições, a fim de

analisar de que forma o programa estabelece, em caráter ideológico e epistemológico, a visualização do que se define como “Nordeste”, as representações produzidas pelas edições escolhidas no programa.

Os episódios são o do dia 21 de maio de 2013, onde se investiga o envolvimento dos repórteres com o drama vivido pelos nordestinos, naquela que foi considerada “a maior seca dos últimos 50 anos”, que serve de título para a edição. O jornalista Caco Barcellos e os repórteres do programa percorrem estados da Região Nordeste do Brasil, onde o drama foi evidenciado, como Pernambuco e Piauí.

A edição do dia 12 de julho de 2011 também integra o caso a ser estudado, por ter relação com temas envoltos na periferia de cidades nordestinas e, especificamente, do Rio Grande do Norte (RN), como Areia Branca, município localizado na Região da Costa Branca. A edição trata do trabalho infantil em cidades do Nordeste. Maceió (AL) e a cidade potiguar ganharam destaque, nas quais foi identificado o trabalho de crianças em feiras livres, na pesca de mariscos e na terra da castanha do caju.

A edição do dia 05 de dezembro de 2009 também foi incluída restritamente na pesquisa por retratar a vida de pessoas que “trabalham duro, à noite, enquanto outros se divertem” (título do episódio), a qual apresentou como um dos personagens ‘Zezo, o Príncipe dos Teclados’, cantor popular, responsável por abrir o programa, como uma representação do gênero musical conhecido como 'brega', mais consumido nas periferias das cidades. A edição percorreu cidades do interior da Paraíba (PB) e do Rio Grande do Norte. O cantor é, na verdade, José Maria Teixeira do Nascimento, nascido em Guanduba – comunidade que pertence ao município de São Gonçalo do Amarante no Rio Grande do Norte – em 28 de Março de 1973 e que cresceu em uma família humilde. A música foi uma busca ou opção por melhores oportunidades de trabalho.

A amostragem foi constituída de modo não aleatório, selecionando reportagens televisivas voltadas à temática proposta neste projeto para estabelecer, entre elas, pontos de consonância e dissonância a fim de apontar seus modos de enunciação. Ao final, pretendemos apresentar um quadro representativo não apenas da produção jornalística televisiva voltada ao Nordeste, bem como às relações entre estigmas sociais e telejornalismo.

Paralelo aos episódios, que estão disponíveis no site⁷ do programa, foram feitas pesquisas bibliográficas, referentes ao jornalismo investigativo, além de uma entrevista com o apresentador do programa, o jornalista Caco Barcellos, em 21 de outubro de 2013, com o fim de formar uma abordagem qualitativa dentro do Estudo de Caso. Etapas que se

7 Site oficial do programa Profissão Repórter: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/>

intercruzaram, na busca de acompanhar como a equipe seleciona os temas e, especificamente, aqueles relacionados ao Nordeste brasileiro, no tocante aos discursos produzidos em torno da Região. Uma análise de Discurso de uma das edições também foi realizada, com o fim de complementariedade para os resultados.

Admitimos que uma das dificuldades encontradas, no processo de análise metodológica, encontra amparo no conceito de Gomes (2012a), que define a palavra e sua ideia como um “pacote já compartilhado” (GOMES, 2012a, p.20). Já compartilhado, no que se refere a ter a capacidade de reproduzir ou reduzir pessoas e coisas a algo familiar, já dimensionado anteriormente, para uma rubrica já informada previamente. Desta forma, pode se tornar inevitável o surgimento do preconceito e a geração de juízos de valor que precedem, por exemplo, a própria experiência pessoal de qualquer um e, sem fugir a tal consequência, a experiência pessoal do próprio telespectador de Profissão Repórter.

Entendemos que, por meio do Estudo de Caso se perceberia que as imagens e as palavras, sempre definidas pelas correlações mantidas entre si, por seus contextos sociais e pelas suas condições de enunciação introduzem uma espécie de ordem nos signos e símbolos. Quando tais correlações são coerentes, elas reproduzem rótulos, pessoas e coisas, estabelecendo uma ideia de funcionalidade, de sentido. Pertenceriam a um conjunto de língua que as acolhe, que já carrega significações e representações implícitas, dentro de um conjunto de enunciados que as orientam.

Nessas considerações, entendemos que não é possível buscar respostas somente no racionalismo científico, no determinismo, e no positivismo, como bases de fundamentação do conhecimento. O resultado não poderia, igualmente, ser aproximado por meio de um mapeamento quantitativo que envolva temas, assuntos abordados, para a resposta às problematizações. A complexidade deste processo exigiu, ao nosso ver, a complementariedade de estratégias metodológicas, as quais facilitaram a identificação de dicotomias ou maniqueísmos, perceptíveis em Profissão Repórter, como em expressões impostas ao Nordeste como escassez/chuva; trabalho infantil/afazeres domésticos, bem como o termo artistas populares, no episódio voltado à rotina de quem ganha a vida na noite como cantores do ritmo 'Brega', enquanto a maioria se diverte.

Obstáculo na metodologia que também recaiu sobre a própria função do jornalismo, que é a de retratar, numa suposta fidelidade ao fato, os cenários encontrados no Nordeste de “Profissão Repórter”. Paradigma que busca sugerir ao telespectador que as edições trazem imagens e discursos sobre um Nordeste “real” ou capazes de reforçar uma caricatura pré existente. Verificar onde o jornalismo apenas enfatizou 'preconceitos' sobre o *corpus* em

análise ou só, de fato, transmitiu uma informação, foi nossa primeira preocupação e que acompanhou todo o processo investigativo.

Mais do que acompanhou, se inseriu à própria problemática, já que há um Nordeste caracterizado, desde seus fatores sociais, geográficos, até às representações mais subliminares deste espaço brasileiro e suas comunidades e indivíduos. Representações que, embora estejam em constante processo de definição ou repetição, nos reforços midiáticos de temas como 'seca' ou 'trabalho infantil', fornecem antecipadamente sugestões sobre característica do povo e dos fatores econômicos e sociais desta Região, o Nordeste. Delinear o 'Estudo de Caso', diante das noções já concebidas – mesmo que não sacramentadas – foi uma linha tênue na qual esta pesquisa sempre trilhou.

No entanto, entendemos que podem surgir pressuposições de que existem limitações na modalidade de pesquisa escolhida, sugerida na dificuldade de generalização dos resultados obtidos; como se a unidade investigada não pudesse representar o universo da qual foi extraída. Assim também pode ocorrer o questionamento – e neste ponto a pretensão é apenas a projeção de questões também levantadas por nós na escolha da metodologia e, especificamente, voltada à modalidade do Estudo de Caso – de que a “parte” analisada seria atípica em relação a muitas outras do mesmo gênero e tema.

No entanto, faz-se necessário considerar, por outro lado, que a simplicidade inerente à modalidade por nós escolhida não exclui, em contrapartida, uma maior acuidade e atenção por parte do pesquisador. Requisitos que devem estar presentes em todo e qualquer método investigativo.

Os argumentos de que a simplicidade também pode apresentar uma falsa certeza às conclusões, ao nosso ver também poderiam se apresentar em alguma fragilidade de outra metodologia trabalhada, a qual também não estaria isenta de falsas evidências. No entanto, também ao nosso ver, tais riscos, em qualquer modalidade de pesquisa ou método adotados, são dirimidos com os elementos já citados, de maior acuidade na busca pela fidedignidade dos dados, na categorização do objeto escolhido.

No que se relaciona ao nosso *corpus*, a fim de evitar evidências frágeis, buscamos realizar um delineamento do Estudo de Caso, seguindo o entendimento utilizado na própria medicina, onde um caso pode ser decomposto em suas partes constituintes, tais como os sintomas, a evolução, os resultados e as consequências de uma dada patologia. Assim, verificamos os componentes mais relevantes, bem como atribuímos graus de importância. Contudo, sem deixar de observar o alerta dado pelo pesquisador.

Segundo Gil (1995, p.58), o estudo de caso “não aceita um roteiro rígido para a sua

delimitação, mas é possível definir quatro fases que mostram o seu delineamento”. Etapas que foram, por nós, adotadas. Contudo, entendemos que duas dessas quatro fases se confundem e, por essa razão, foram, nesta pesquisa, condensadas em um só elemento. São elas: A delimitação da unidade-caso; (*corpus escolhido*); A coleta de dados; (datas, temas, elementos discursivos nas reportagens, entrevista) e sua simultânea seleção, análise e interpretação de tais dados (que, em Gil (1995) seria mais uma etapa) e, por último, a elaboração do relatório e/ou considerações finais.

Como nem toda unidade parte de resultados estatísticos já fornecidos, a pesquisa assume as orientações de Gil (1995) e buscou, para definir o *corpus* principal, o que o autor define como casos Típicos, os quais possuem uma informação prévia e os Atípicos, que, pelo critério de oposição, podem complementar o objeto principal. Já para a coleta de dados, devido à pluralidade de procedimento que poderiam ser adotados (como a análise de conteúdo ou uso de questionários), buscamos utilizar-se de outros critérios, incluídos nesta diversidade, que se constituíram na entrevista com o apresentador do programa, bem como na análise de documentos (representados nas reportagens principais e complementares) e a categorização de reportagens em índices de importância.

Nossa proposta não é estabelecer um fim conclusivo, na utilização de uma pesquisa descritiva onde se procura descobrir e classificar a relação entre variáveis ou em pesquisas conclusivas ou onde se buscam relações de causalidade entre eventos (OLIVEIRA, 1997). A meta final está mais inserida nos objetivos de uma abordagem de natureza mais qualitativa, por envolver uma pluralidade de materiais empíricos, nos quais se incluem os estudos de caso, ou as experiências pessoais e de vida, os relatos de interações, bem comuns em “Profissão Repórter”, os quais possuem a capacidade de descrever a rotina e os significados de uma dada coletividade.

Mesmo que tal abordagem qualitativa tenha sido classificada por críticos como sendo uma “soft science”, principalmente por quem defende análises positivistas; nosso ponto de partida se apóia no raciocínio de que a realidade social – na qual o Nordeste imagético ou real está inserido – não se trata de algo estável, imutável, o que está mais próximo aos estudos de natureza quantitativa que ofereceriam maiores oportunidades para explicação e generalização de resultados (DENZIN e LINCOLN, 2000). Não é a que se propõe nosso objeto.

Contudo, para outros autores (MILES e HUBERMAN, 1994), a abordagem mais qualitativa seria uma fonte de descrição capaz de preservar fluxos cronológicos, que sejam identificados achados inesperados – o que ocorre no jogo de perguntas e respostas de uma entrevista, bem como permitem a revisão de modelos conceituais; fluxos que, para esses

autores, corroborados nesta pesquisa, são como dados vivos, com cores e sabores mais atraentes, do que, propriamente os números ou estatísticas, tal a riqueza de interpretações que propiciam .

O que foi buscado na estratégia metodológica adotada recai sobre o entendimento de que os métodos, para os objetivos deste estudo, não precisavam ser excludentes. Ao mesmo tempo se compreende que os métodos podem ser restritos a epistemologias diferentes, uma ligada ao discurso, outra aos números e mais positivista e outra a uma forma mais ampla de representação das realidades, mas a proposta não foi a de efetivar a supremacia de uma modalidade sobre a outra, mas sim, a complementariedade. Tudo para firmar este Estudo de Caso em resultados cujas unidades verificadas pudessem, com mais abrangências, representar o todo nas quais se inserem.

Por fim, a escolha pela modalidade de pesquisa também se apoia no que Yin (2001) sugere sobre os preconceitos direcionados aos estudos de caso, como uma ferramenta que pode manipular os dados ou distorcê-los conforme a linha de pensamento do pesquisador. Para o autor, se o rigor científico não for aplicado e a habilidade do pesquisador também seja incipiente, o mesmo risco ou margem de distorção também pode se apresentar, tal qual se sugerem em direção aos estudos de caso.

O que se adota neste estudo também recai sobre o que autores como Denzin e Lincoln (2001) denominam de uma diferença entre a busca pela compreensão ou pela mera explanação. Conforme os autores, no Método do Estudo de Caso a ênfase está na compreensão e não na mera explanação, que seria baseada no conhecimento proposicional de algo, o que ergue o estudo de caso em uma base fraca. No entanto, por outro lado, que foi a meta desta pesquisa, ao se fundamentar a modalidade em algo além da mera explanação, mas na ampliação da experiência, a desvantagem desapareceria.

Para excluir ou reduzir a margem de uma fragilidade nos dados, a pesquisa se voltou ao foco de que o Estudo de Caso, conforme outros pesquisadores, não deve ser visto somente como o exame de, por exemplo, trazendo para o contexto desta pesquisa, apenas um membro de população do Nordeste brasileiro, o que fragilizaria a representação de tal área. A intenção foi a de ver o Estudo de caso como mais que um número menor para generalizar algo mais amplo. Mas, ver tal modalidade de estratégia metodológica como algo mais próximo de um fenômeno de certa natureza ocorrendo num dado contexto (MILES e HUBERMAN, 1994, p. 25).

A pesquisa buscou seguir o guia proposto pelos autores que propõem questões como

“a amostra escolhida é relevante para o quadro referencial e para as questões de pesquisa? O fenômeno no qual você está interessado pode ser identificado na amostra? Os casos escolhidos permitem comparação e algum grau de generalização? As descrições e explanações que podem ser obtidas a partir dos casos estudados guardam consonância com a vida real?” (MILES e HUBERMAN, 1994, p. 34).

O guia foi seguido a fim de se conciliar os tipos de casos escolhidos para responderem à problematização desta pesquisa, que vão desde aqueles chamados típicos, os quais são mais representativos do objeto estudado, passando em casos definidos como “negativos”, até chegar naqueles considerados excepcionais ou discrepantes, conforme os pesquisadores. Orientação que foi seguida à medida em que, além do *corpus* principal, outras edições e temas também foram avaliados e examinados, compondo o Estudo de Caso, na meta de se formatar uma amostra que demonstrasse os vários aspectos relacionados ao fenômeno e as variações ou contingências sob as quais o fenômeno se manifesta. “Utilizar aspectos dos casos discrepantes força o pesquisador a clarear os conceitos e confirma os limites estabelecidos para escolha da amostra” (1994, p. 34).

E ainda

(...) uma investigação científica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência (...) e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise dos dados. (YIN, 2001, p. 32-33).

A pesquisa, na escolha da modalidade metodológica, busca atingir, conforme os autores, não um volume de dados estatísticos, mas, mais amplamente, as citadas “variáveis de interesse”: tanto para nosso objetivo, quanto para o fornecimento de outras variáveis que permitam um aprofundamento mais amplo sobre o tema, mesmo em outras estratégias metodológicas. A meta, inserida na problemática, é responder a questões relativas a “como” e “por que” no que se volta ao Nordeste de “Profissão Repórter”, o que para Yin (2001), são proposituras nas quais o pesquisador não possui um amplo controle da situação, por se tratar de um objeto que está imiscuído, inserido em contextos sociais, econômicos e políticos, bem como de natureza geográfica.

Um quadro teórico referencial como ponto de partida, devido a tais contextos, também se fez necessário, já que um estudo de caso sobre o Nordeste nos posicionou, em vários

momentos do percurso investigativo, frente a frente com problemas a serem compreendidos e para os quais estudos experimentais, de raízes primordialmente quantitativas, até poderiam ser aplicados, mas não seriam suficientes para dar conta dos fenômenos sociais complexos e das representações responsáveis pela construção de um imagético e um espaço definido como “nordeste brasileiro”.

2 CAPÍTULO I: ENTRE MEMÓRIAS E CRIAÇÕES, UM “NE”

2.1 Heranças que o tempo (não) apaga

Existem elementos que, inicialmente, produziram problemáticas paralelas e vicinais à problematização principal desta pesquisa. Dentre elas, um primeiro obstáculo epistêmico foi o de não responder, antecipadamente, aos resultados ou considerações finais, já que existe um conceito estabelecido ou um pré conceito no que se define como Nordeste. Não submeter às respostas e considerações finais a uma espécie de “juízo de valor”, mesmo que velado por teorias e reflexões epistemológicas, foi uma das dificuldades iniciais enfrentadas.

Não direcionar um olhar já estigmatizante ou herdeiro de um saber étnico e geográfico ou até científico sobre o corpus se tornou um exercício constante no processo metodológico. Outro obstáculo encontrado no decorrer do Estudo de caso e do complemento de outras metodologias recaiu sobre a própria função do jornalismo, que é a de retratar, numa suposta “fidelidade” ao fato, os cenários encontrados no Nordeste de “Profissão Repórter”.

O Estudo de caso auxiliou na identificação de imagens e os discursos sobre um Nordeste “real” e na possibilidade de caricaturas pré existentes. Dificuldades sim, porém, geradoras de necessárias repetições nos procedimentos e elementos audiovisuais considerados em cada análise, os quais serão delineados mais adiante.

A dificuldade recai sobre a existência de um Nordeste já caracterizado, desde fatores sociais, geográficos, até representações mais subliminares deste espaço brasileiro e suas comunidades e indivíduos. Representações em cognições caracterizadas, mas em constante processo de definições.

No entanto, fez-se necessário, antes de qualquer metodologia sobre as representações sociais encontradas em “Profissão Repórter”, debruçar-se sobre o próprio conceito de Representação, o qual é rico em complexidades de autores e consequentes definições.

Sem dúvida, tal conceito é mesmo cercado de amplitude e complexidade. São muitos os autores que dialogam sobre o tema. Mas, é possível estabelecer que o “signo” é mesmo a unidade mínima para a formação do conceito. Essa unidade mínima, o signo, é capaz de evidenciar rubricas acerca de coisas materiais e imateriais e, desta forma, estabelecer representações acerca das coisas. Elas são por tais unidades trazidas à existência.

As que tem materialidade seriam trazidas à existência, em tempos e espaços diferenciados, talvez, até, em outras dimensões dos seus contextos de origem. As imateriais ganham materialidade ou espaço simbólico denso. Embora os signos continuem como uma

unidade, neste processo, que não é a coisa em si.

Como exemplo, podemos dizer que a tela de “Profissão Repórter”, ou a própria televisão e o telejornalismo tem a capacidade de transportar as condições originais de um signo para um outro espírito de representação, seja esta representação uma pessoa ou imagem ou palavras. Há um transporte de elementos diferenciados, difusos, para um evento com um mesmo rótulo, o qual pode gerar estereótipos, paradigmas e estigmas.

Moscovici (2003) é quem traz o conceito de que a definição de uma palavra, em um dicionário, por exemplo, tem o poder de classificar indivíduos e, ao mesmo tempo, tecer teorias implícitas sobre ele, bem como a capacidade de gerar uma imagem física deste indivíduo, por trás desta teoria implícita.

No entanto é preciso destacar que os conceitos de Representações adotados nesta pesquisa tal como foi desenvolvida por Moscovici⁸, se ligam, antes de qualquer teoria, à Psicologia Social. O próprio autor assume ter atualizado ou revisitado o conceito sobre as representações coletivas de Durkheim, em 1988. No entanto, suas raízes provém, particularmente da Sociologia. Desta forma, as noções de representações sociais, adotadas nesta pesquisa, partem das noções trazidas pela Sociologia de Durkheim e seguem pelo que foi desenvolvido na Psicologia Social de Moscovici.

Neste ponto não foi verificado qualquer obstáculo já que muitos conceitos desenvolvidos nas Ciências Sociais servem, hoje, de balizas científicas para as Ciências da Comunicação, tais como as noções de indústria cultural que nortearam e se desenvolveram na Escola de Frankfurt. Conceitos que também trazem as bases para a compreensão do que sejam as representações coletivas, conforme Durkheim, o qual uniu os adjetivos “social” e “coletivo” (1975, pp.19-45) sem qualquer separação, já que, para o autor, os dois produzem os mesmos sentidos. São formas de conhecimento que partem em vias bem definidas, que vão do senso comum às teorias científicas e seus critérios de validade, passando pelas ideias produzidas socialmente e que não podem ser explicadas em um só indivíduo ou por fenômenos psicológicos.

Em Durkheim (1975), as representações coletivas constituem a elaboração da realidade pelo social, que são formadas por processos de incorporação e interiorização nos indivíduos, por meio de regras, normas, que resultam em uma estrutura social. Como essas formas de pensamento não são universais, formam-se os sistemas de representação coletivos nos quais torna-se possível criar esquemas de percepção, juízos que particularizam, em cada

8 Francês de origem romena, Moscovici é a grande referência no campo das representações sociais na área de Psicologia Social. Tem vários livros traduzidos em português.

sociedade, as forma comum/social de agir, pensar e sentir de cada um. Moscovici (2003), por sua vez, ampliou tal pensamento, levando os estudos de Durkheim, sobre as representações coletivas, para um campo mais dinâmico, onde elas teriam um perfil mais móvel e flutuante

A sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais – e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar na vida cotidiana e se torna parte da realidade comum. Os meios de comunicação de massa aceleram essa tendência, multiplicam tais mudanças e aumentam a necessidade de elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma sociedade pode operar. Do mesmo modo, as coletividades hoje não poderiam funcionar se não criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte (MOSCOVICI, 2003, p.48).

Assim, “Profissão Repórter” também não estaria isento à realidade de que há nele, no programa, a capacidade, quanto mídia, de (re)constituir ou reforçar o senso comum. De reforçar em uma região os discursos carregados por ela, prévios e já compartilhados anteriormente, geradores de sistemas precognitivos de aproximação/distanciamento, bem como se torna um potencializador de conhecimentos que se pretende demonstrar em um programa ou nos diálogos e palavras do dia a dia, bem como em uma entrevista. Objeto e resultados que se pretendeu, nesta pesquisa, atingir.

Nesse sentido, os meios de comunicação de massa, na especificidade do Profissão Repórter, se posicionariam como mais um componente cultural nesta teoria das representações sociais, as quais se encontram tanto na percepção dos indivíduos, quanto nos meios. Um processo que gera uma profusão de sentidos sobre o Nordeste, nesta troca e limites, entre o programa e seu telespectador.

Essa intersecção nos levou a um Estudo de caso do *corpus* estudado, a fim de identificar, interceptar, exemplificar e analisar as representações forjadas ou reforçadas em ambos os lugares. Tanto aquelas que poderiam ser sugeridas no processo de pauta, produção, execução e edição das reportagens; quanto aquelas que foram alimentadas ou evidenciados pelos próprios nordestinos e suas representações de si mesmos, em seus discursos, expressões, interditos e, também, nas palavras, que reforçam, coletivamente, o pensamento individual e que, para Gomes (2012b), são

[...] sempre definidas pelas correlações mantidas entre si, por contextos sociais e, portanto, por suas condições de enunciação, começam por introduzir uma ordem no mundo, referenciada como ordem simbólica. Elas reproduzem pessoas e coisas enquanto imersas num conjunto coerente, donde emprestam sua particular coerência, com a instalação da idéia de funcionalidade e finalidade, enfim, de sentido (GOMES, 2012b, p. 20).

No *corpus* identificado, tendo como exemplo as edições do trabalho infantil e da seca, as palavras utilizadas, em uma análise inicial, forneceram representações contidas numa rubrica já dimensionada, tornando coisas, pessoas, fatos, supostos pensamentos novos em uma realidade próxima, familiar. Rubrica que provoca, por outro lado, a necessidade de maior acuidade na análise e obtenção dos resultados. Acuidade que, como hipótese, pode não ser seguida pelo telespectador no momento em que está acompanhando uma dada edição e, desta forma, estar mais suscetível à renovação de sentidos já pré existentes ou, na mais simples das hipóteses, interpretar que um sentido foi reforçado.

Acontece o que também outra autora, ao citar que as palavras “geram juízos de valor que precedem a experiência pessoal” (GOMES, 2012a, p. 21). Assim, os termos citados nas edições parecem ter a capacidade de promover um encontro entre o supostamente “novo” e o desconhecido e, neste encontro, ganham um nome, que é portador de cognições já conduzidas e orientadas ao telespectador, o qual, em se tratando de quem nunca presenciou os cenários do sertão, absorverá, como real, aquele pacote de informação.

É certo que não vemos, nem nomeamos as especificidades da areia e do deserto como os árabes o fazem; é certo que não nomeamos as coisas para além do que o nosso aparelho sensorio está habilitado. Nomear é trazer à vida na ordem simbólica. Os meios, como extensão do homem, nos fazem ver, nomear/ver coisas sem eles intangíveis, contribuindo indefinidamente para este processo (GOMES, 2012a, p. 21).

Os signos, as unidades das representações utilizadas em “Profissão Repórter”, neste momento de cognição, não escapariam a este percurso. A ordem simbólica, apresentada nas edições parece tecer um desenho de mundo, o qual tenciona o que deve ser visto e ouvido e expondo como tal tema deve ser vivido. O repórter, mesmo sob o lema de abordar vários ângulos, como dito pelo apresentador Caco Barcellos em entrevista dada para esta pesquisa, parece não fugir deste processo de transmissão cognitiva de rubricas, por ele, já absorvidas. Conforme Bourdieu

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 2001, p. 9)

O “Profissão Repórter” também carregaria o termo cunhado por Bourdieu. Traz um posicionamento gnoseológico, ideológico. Há uma localização de onde surgem um conjunto de pensamentos, que, embora permita a visualização de “nordestes” dentro do Nordeste, parece manter em sua formação discursiva as representações sociais e demarcações de campos de saber e a demarcação de planos ideológicos por meio dos planos históricos e epistemológicos já estabelecidos. Confirmar isso ou a ausência disto no Programa foi o que se buscou atingir.

O posicionamento destacado por Bourdieu também encontra reforço, neste processo de construção de um “real”, pela própria maneira como é enxergada a profissão de “Jornalista”, visto como uma espécie de revelador, investigador e portador da própria verdade, que molda, por outro lado, uma representação em torno de si e da “realidade” a qual aborda. Seria o representante do chamado “Quarto Poder”, que desvendaria e denunciaria os “bastidores” de um tema e, ao fazer isso, reforça ou desfaz um saber

A imagem heroica, por vezes, é alimentada pela própria sociedade, ao cobrar do profissional uma função que extrapola os limites do jornalismo e esbarra também no papel da polícia, poder público e tribunais de justiça, especialmente em um país de instituições morosas como o Brasil. (OLIVEIRA, 2005, p. 46).

Uma vontade de verdade reforçada pelo próprio papel desempenhado pelo jornalista de “Profissão Repórter”

A presença do repórter no palco do acontecimento é explorada como uma estratégia de autenticidade e como um símbolo da capacidade de cobertura da equipe jornalística, afirmando, de um lado, que o jornalista pode falhar, se equivocar, colocar sua subjetividade na notícia, mas mesmo assim, ele tenta mostrar, tenta encontrar os caminhos para contar o fato. (KLEIN, 2013, p. 11).

Nestas considerações, o posicionamento do personagem, do entrevistado, para fins desta pesquisa, se torna tão importante quanto a funcionalidade e a representatividade do repórter. Ocorre, neste ponto, o fato de que os sistemas, na sociedade como na vida, funcionam a partir de sistemas de informação e comunicação e a comunicação afetaria, neste

processo, tanto quem emite, quanto quem receberia um discurso informativo. Função na qual se inclui, conforme verificado neste estudo, o “Profissão Repórter”.

Um ciclo que segundo autores como Boaventura de Sousa Santos⁹, existe e afeta todos os sistemas, desde os cibernéticos, passando pelos biológicos, químicos, bem como, não poderia deixar de ser, nos sistemas sociais, geradores de representações sociais, nas quais o Nordeste está, por sua vez, inserido.

2.2 As raízes de um “Nordeste”

A recorrência do Nordeste nas pautas da mídia, sobretudo a televisão, segue o padrão das produções que são elaboradas a partir de noções que integrariam uma formulação de discursos, já pré construídas. O tema “Seca”, por exemplo, também abordado pelo “Profissão Repórter”, recai, inevitavelmente, sobre imagens já conhecidas e reconhecidas, como a do retirante, da terra rachada pela intensa aridez, acompanhadas pela imagem de um rosto rachado por rugas, resultado direto do castigo pelo sol.

Foi deste cenário que partiu este estudo, a fim de verificar como estes signos se apresentariam no processo de produção do texto, imagens e trilhas presentes nas edições do “Profissão Repórter”. A proposta foi identificar em cada edição uma possível fragmentação desses signos, suas manifestações subliminares que pudessem (re)inventar ou inverter as teorias já direcionadas a este espaço brasileiro.

Em Albuquerque JR (2009) encontramos apontamentos que favoreceram a percepção sobre os nordestinos, abordados no programa, que poderiam, por meio de suas próprias práticas, contribuir para reproduzir um dispositivo de poder, acionado por falas, expressões, silêncios, cenários, que os reservaria a algum lugar/símbolo de pedintes lamurientos, ou sentidos que os posicionaria na classificação de “pobres coitados”.

Foi necessária a identificação da presença ou ausência de mecanismos de poder, fornecidos pelos próprios entrevistados da equipe de jovens repórteres, que os colocaria – os nordestinos – na qualidade de 'vitimados' por isso ou por aquilo, os 'colonizados' conceitualmente, ou propagadores de culturas musicais supostamente inferiores.

A proposta, em todo o percurso deste estudo, foi sempre o de verificar a produção midiática de “Profissão Repórter” na sua colaboração – no jogo entre entrevistador e entrevistado – em formatar um complexo processo discursivo, gerador de polaridades como

⁹ DALEA, Roger; ROBERTSON, Susan. Interview with Boaventura de Sousa Santos. *Globalisation, Societies and Education*, n. 2, v. 2, p. 147-160, 2 jul. 2004.

“classe dominante” ou “região dominante” e “classe ou região dominada” e, por sua vez, dependente. Essa foi a dúvida permanente e consistiu em verificar se a descrição tradicional foi descartada, reinventada ou invertida em “Profissão Repórter”, o qual pode também ser o meio por onde as conclusões do autor se manifestam, ao afirmar que “[...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado” (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 311).

Para tais considerações, o autor recorreu a um acervo documental abrangente, que foi desde autores ficcionais, músicos – e como tais obras da ficção reforçariam os estigmas – tais como João Cabral de Melo Neto, Glauber Rocha, Jorge Amado, Luiz Gonzaga, Graciliano Ramos, até autores e historiadores como Câmara Cascudo e o sociólogo Gilberto Freyre, na intenção de apontar, nessa diversidade de autores e produções, as representações no e sobre o espaço brasileiro.

Para Albuquerque JR (2009), há a formação de um espaço que pode ser definido como um “espaço-outro” em relação aos outros eixos do país, seja o sul-sudeste ou o centro-oeste. Uma diferença não só geográfica, mas que corroboraria com o dizer de Santos (2010), ao falar de espaços abissais, no que se relaciona a reflexões epistemológicas.

É como se, para o autor, fosse se consolidando entre o Nordeste e esses 'outros' espaços do país, num constante e profundo afastamento das regiões nordeste e sul, por meio dos olhares e obras, que produziam e definiam interpretações e sentidos. Assim, para o autor, o Nordeste foi inventado. Desta forma, o próprio Sul – desta vez o geográfico e não o simbólico assumido por Santos (2010b) em “Epistemologias do Sul”¹⁰ - é quem, na busca por elementos peculiares de distinção, contribuiu para a invenção do seu 'outro', o Nordeste.

Para o pesquisador potiguar, a resposta já existia. “O que podemos encontrar de comum entre todos os discursos, vozes e imagens [...] é a estratégia da estereotipização” (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.20)

Castro (1992), mesmo anteriormente, também reforçou as impressões de Albuquerque Jr. (2009), quando analisou discursos de políticos, representantes de Estados do nordeste no Congresso Nacional, entre os anos de 1946 e 1985. Segundo constatou a autora, houve a cristalização de um posicionamento da população nordestina como aquela que estaria sempre em posição de constante necessidade e de carências em comparação ao “outro-sul”. Impressões que geram a necessidade de reflexão, para além do *corpus* desta pesquisa, no que se relaciona a verificar o que, de fato, é o “Nordeste”.

10 Maria Paula Meneses, « Epistemologias do Sul », Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 80 | 2008, colocado online no dia 26 Julho 2012, acesso em: 05 Março 2015. URL : <http://rccs.revues.org/689>

A imagética já estabelecida sobre o Nordeste ou sobre os “nordestes” do Brasil, produziu, como já citado anteriormente, a necessidade de uma estudo ainda mais cuidadoso em direção ao *corpus* desta pesquisa. Posicionamento que se fez e que se apontará sempre como necessário.

Em Albuquerque Júnior (2009), o Nordeste vem sendo pensado e estruturado a partir de delimitações mais simbólicas do que propriamente físicas ou naturais. Um processo o qual define como achatamento, uniformização, provocado mais por uma perspectiva política, capaz de promover um imaginário social que delimita o próprio espaço/objeto, que o faz parecer uma unidade e não algo fragmentado.

Esta uniformização/organização se daria em um contexto sócio-histórico em que figura, no Brasil, os debates pela chamada identidade nacional, mais precisamente, a partir dos anos 20, com avanços nos anos 30, nos quais se verificam os processos do que se definiu como identidade regional. Diferenças regionais necessárias para melhor amparar, ou para lutar contra, o projeto nacional, caracterizado por lutas políticas no contexto da incipiente urbanização e industrialização, que partem dos polos da oligarquia cafeeira e da decadente oligarquia açucareira e a conseqüente burguesia industrial. Fatores que colocaram em foco os cronistas, políticos e artistas num movimento aparente conciliador de pensar o Brasil.

No entanto, as ações se articulavam para delimitar limites, demarcar forças e os devidos papéis políticos e econômicos de um país que iniciava a tentativa de deixar para trás a antiga e combatida estrutura rural. É nesse contexto que surgem os maniqueísmos e dicotomias regionais, tais como rural versus urbano ou arcaico versus modernidade.

A demarcação absoluta ou mais estabelecida, contudo, não ocorreu em um curto intervalo de tempo. Sua instituição foi resultado de articulações discursivas operadas nos campos da política, do pensamento social, das literaturas e das crônicas. São discursos que surgiram e foram se consolidando por meio de uma multiplicidade além do verbal. São trilhas musicais, páginas de romances, que permitem a construção de um imaginário coletivo que é operado e (re)operado ao longo das décadas e que resultaram, segundo o autor, na “Invenção do Nordeste”. Resultado que tem suas bases nas relações de produção e político-sociais.

Conjunto de elementos que fixaram, para o Nordeste, um sentido de pobreza e sofrimento, porém e, por outro lado, caracterizado pela epígrafe do escritor Euclides da Cunha, quando dizia que o “sertanejo é antes de tudo um forte”, na obra “Os Sertões”, publicada em 1902, que foi uma espécie de prefixo de todo o pensamento que se formaria no decorrer dos anos. Uma qualidade que parecia sugerir uma compensação a toda marca que se estigmatizou ao nordestino. Estigma ora mantido por tradições e posicionamentos quase

pueris, conservadores; ora ganhando corpo por meio da denúncia ou “denúnciação” política contra as causas da miséria e de “esquecimento” social pelas oligarquias.

As “realidades” sobre o Nordeste brasileiro gravitam em torno desse conjunto de forças e discursos, interditos, imagens e trilhas, que demonstram uma descrição dos problemas da região nordeste ligados a dramas como o trabalho e a prostituição infantil, as carências sanitárias e a falta d'água em comunidades carentes. Realidade de complexos sociais, políticos e econômicos, bem como midiáticos que se precisa, para além desta pesquisa, considerar; e, para fins deste estudo de caso, também se faz necessário a consideração histórica de todo este cenário, a fim de atender à problematização, já exposta, e identificar a repetição ou (re)invenção dessas descrições em “Profissão Repórter”.

2.3 Os Conceitos de Luhmann e o ambiente Nordeste

Esta pesquisa assume como necessário e fundamental, para uma mais ampla compreensão sobre o *corpus* estudado, uma apropriação sobre os conceitos do sociólogo alemão Niklas Luhmann (2000), que traz as matrizes teóricas acerca da denominada “autorreferencialidade”. Esta etapa pré conclusiva tem, portanto, a preocupação em abordar essas matrizes, cuja noção já pertence aos estudos em Comunicação e que, em caráter mais resumido, pode ser compreendida como uma forma de demonstrar como se fez para produzir o que se está dizendo (KLEIN, 2012).

Uma fase da pesquisa que se apoia nos estudos de Klein (2012) sobre o sociólogo, os quais nortearam as matrizes “luhmannianas” deste trabalho, a fim de identificar como o 'sistema' midiático estabelece o ambiente Nordeste a partir de seus próprios referenciais: um processo mais dinâmico e interacional, do que, propriamente, estático, preso a um modelo esquemático de comunicação.

No entanto, o propósito neste momento pré conclusivo não é o de estabelecer um aprofundamento na teoria de Luhmann sobre a autorreferencialidade. Conceito que sempre pode sugerir, de fato, um adequado e mais amplo estudo. A meta é utilizar-se, especificamente, das matrizes que permitirão perceber como o “Profissão Repórter” se torna esse sistema autorreferencial em direção ao ambiente Nordeste e se torna-se, assim, de fato. Nos pareceu mais apropriado manter os próprios termos aplicados pelo autor, no que se relaciona à autorreferencialidade. Em Luhmann, tal conceito se apoia em duas bases: o ambiente e o sistema, sendo este último quem define como o primeiro deve ser enxergado e visto.

Conforme Fausto Neto (2007), no direcionamento das teorias do sociólogo alemão, as mídias “através de leis e regras próprias, estruturam práticas e rotinas segundo leituras (observações) que visam regular observações que, sendo construídas em outros sistemas, que vem ser organizados segundo as “leis” deste sistema observador (as mídias), como condição de sua inteligibilidade (FAUSTO NETO, 2007, p. 95)”. Neste posicionamento, essas duas variáveis – ambiente e sistema – são as responsáveis pela definição de autorreferência de Luhmann, a qual representaria, especificamente, a forma como, após um processo de operacionalização interna, o ambiente é, ao mesmo tempo, internalizado e distinguido pelo Sistema. Uma distinção, por sua vez, feita com base em regras próprias.

Os conceitos de autorreferencialidade de Luhmann contribui para verificar as leis e regras do “Profissão Repórter” e suas e referências particulares, bem como o favorecimento dos sentidos em torno do ambiente, objeto deste estudo, já que o sistema midiático conecta operações “referindo-se de novo e de novo a seu próprio estado de informação para ser capaz de discernir novidades, surpresas e, mais ainda, valores de informação” (LUHMANN, 2000, p. 14).

Considerando a teoria de Luhmann, Klein (2012) observa que a informação seria selecionada, de acordo com critérios e necessidades internas, a partir de uma “memória partilhada”¹¹ (BECHMAN; STEHR, 2001), mas a autorreferencialidade não se trataria, por exemplo, de um fechamento, mas se daria numa membrana que permite a permeabilidade do sistema com o exterior, através da qual, cada subsistema observa-se, não só a si mesmo, mas aos outros subsistemas e, daí por diante, se desencadearia uma sequência, um efeito dominó de operações seletivas.

No programa, a autorreferencialidade está presente e reproduzida nas citações de programas anteriores, retomada de reportagens, nas referências entre episódios, bem como nas indicações quanto ao conteúdo publicado na internet. Em Luhmann, a noção de autorreferencialidade surge tomando por base os conceitos desenvolvidos na Biologia, inicialmente por Maturana (1997), o qual definiu o termo “autopoiese”, que nos seres vivos, representa a circularidade molecular.

Por ser, em Maturana, um fenômeno definitivo, foi gerador de críticas, quando da apropriação do termo nas conceituações Luhmannianas, já que, para os autores da biologia, se passada a noção para outros tipos de sistemas, as circularidades sociais, por exemplo, a autopoiese passaria a ser vista como algo mais incidental.

¹¹ Livre tradução: KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter**. 2012.

As reflexões feitas por Maturana são intrigantes e reveladoras sobre seu entendimento sobre a vida como processo dinâmico e autônomo aos seres. O autor critica a apropriação da noção de autopoiese (construída para a explicação da vida nos seres vivos) para os sistemas sociais: nos seres vivos, a circularidade molecular, ou autopoiese, é definitiva, enquanto que, se passada a noção para outros tipos de sistema, a autopoiese poderia ser vista como circunstancial, incidental. Maturana define a autopoiese dos organismos vivos como sendo de primeira ordem, considerando-se que a autopoiese se refere à dinâmica de seus componentes. Mas como totalidades, os organismos desenvolveriam atividades orgânicas sistêmicas. Maturana reflete que os sistemas sociais não são autopoieticos de primeira ordem e que, se pensados em termos de autopoiese, deveriam ser pensados como sistemas de outra classe (KLEIN, 2012, p.53).

No entanto, é possível identificar que os aspectos do conceito apropriado por Luhmann podem ser adequados para se pensar a autorreferencialidade no jornalismo. O sociólogo busca explicar que a autorreferência na comunicação, ao contrário do que analisa a biologia, na crítica tecida a Luhmann, dependeria, sim, de fatores externos. A operacionalização, os processos internos da autorreferência no jornalismo ocorre em torno de um tensionamento, que registra a entrada de uma interrupção externa e que produz reverberações em outros processos, os internos, tensionando o ambiente.

Ela ocorre quando um ser ou um sistema que participa de um ambiente e estabelece complexas relações, em processos de autorreferenciação e distinção e, assim, operaria outros processos, que resultam nas interrupções do ambiente, estabelecendo, por sua vez, o que se define como informação.

Este processo, em “Profissão Repórter”, é demonstrado em maior escala pelos atos de fala (cujas pesquisas pioneiras foram desenvolvidas por Austin (1965). Atos esses que também atuam na referenciação ao falante e demarcam as impressões do sentido, como, por exemplo, ocorre na formação da frase, sempre formulada por Caco Barcellos, quando diz “agora, no Profissão Repórter” ou na frase: “a força da enxurrada varreu tudo o que tinha pela frente” – Profissão Repórter sobre enchentes no Nordeste).

A autorreferencialidade, em “Profissão Repórter”, é expressada nesses e noutros atos de fala, bem como por meio das conversas e interações, iniciadas aparentemente improvisadas, as quais geram elementos propulsores de uma autorreferência, que pertence a um sistema, o qual, em suas normas próprias, define um ciclo de pensamento sobre o ambiente denominado 'Nordeste'.

Uma “irritação”, termo cunhado por Luhmann, provocada pelo trinômio 'emoção, expressões não verbais (dos repórteres e entrevistados) e o próprio ponto de vista do repórter'.

Trinômio que se resulta em informação, geradora de novos sentidos ou reprodutora de antigas caricaturas, por meio de acordos subjetivos autorreferenciais.

2.4 O Nordeste e a Mídia: construções silenciosas

Os circuitos autorreferenciais também ocorrem em paralelo ou imiscuídos em um poder midiático que pode ser definido como “silencioso”, oculto ou, pelo menos, não perceptível. Ideia que se corrobora a partir também dos conceitos de Gitlin (2003). Para o autor, esse poder da mídia que resulta em manutenção ou em nova formação de sentidos não é percebido no cotidiano das pessoas, ao contrário, “a centralidade das mídias está disfarçada, em parte, pela predominância daquela expressão segura de si e bem definida, 'sociedade da informação'¹² ou de maneira ainda mais grandiosa, ‘Era da informação’” (GITLIN, 2003, p.13).

São subjetividades produzidas e nem sempre percebidas que precisam ser levadas em consideração neste Estudo de Caso. São significados acerca do Nordeste que não estariam à margem de produções subliminares, conforme reforça Guareschi (2004), ao defender a relação de fatos e conhecimentos com o que é ou não divulgado ou massificado pelo discurso midiático, o qual, para o autor pode ser gerado nos interditos. É, neste raciocínio, a partir do conhecimento do ser humano, de seus limites, desejos, de suas necessidades, de seus automatismos, de seus mecanismos psíquicos, que as ações da mídia são produzidas.

“Poderíamos argumentar que temos a possibilidade de discordar do que é dito e mesmo criticar o que chega até nós. Mas uma coisa não podemos fazer: é saber o que foi propositadamente ocultado, o não-dito, o silenciado” (GUARESCHI, 2004, p.34).

O autor ainda atribui à mídia o *status* de uma entidade. Uma presença. Um personagem, presente nos lares, nas rotinas das pessoas, capaz de agregar valores, estabelecer relações hierárquicas, atrair ou repulsar receptores e com poder de criar subjetividades e dizeres e, no fim deste processo cíclico, velhos ou novos sentidos.

Será que o novo personagem não tem nada a ver com a construção de nosso ser, de nossa subjetividade? Se nós somos o resultado da soma total de nossas relações, será que as relações que estabelecemos com a mídia não teriam algo a dizer sobre o que somos? (...) A psicologia está pensando e pesquisando a formação do ser humano, de sua subjetividade nos dias atuais? Que tipo de pessoas estão sendo construídas dentro dessa nova

12 A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”.

sociedade midiada? Que comportamentos e atitudes tornar-se-ão preponderantes na vida das pessoas? (GUARESCHI, 2004, p.32-33)

Trata-se de uma realidade invisível e que abrange subjetividades possuidoras desse contato cotidiano com a voz deste personagem “infiltrado”. Uma voz presente diariamente, portadora de interditos, com a força para criar, repetir ou simplesmente direcionar o que outras “vozes” não conseguem em seu alcance. A maneira como são os modos dominantes de saber e conhecer atuais, nos cegaria para realidades diferentes e impediria o pensamento de que é possível mudar um estigma/realidade.

A visualização e os discursos ouvidos pela “voz” de “Profissão Repórter” em direção ao Nordeste poderiam, assim supomos, estar eivados de todo este processo que o capacita como esta presença ou “entidade”. No entanto, por outro lado, as edições podem abrir espaço, no jogo de entrevistas, para dar voz às experiências daqueles que sofrem e sofreram ao longo dos séculos as injustiças de um colonialismo epistêmico, nas quais podem estar incluídas as populações nordestinas e os saberes desenvolvidos em torno delas, já que tal 'dominação' econômico/científica/geográfica não se dá, necessariamente, e apenas nestes campos.

Estariam relacionadas as maneiras como se constroem os saberes e, conseqüentemente, as percepções em torno da ciência, do chamado 'senso comum' ou em torno de qualquer representação existente. A pesquisa assume tal necessidade de reflexão sobre os saberes, presentes em culturas e indivíduos. Reflexão direcionada ao que já foi consolidado como 'verdadeiro' e, desta forma, obter mais condições para a verificação se, no objeto de pesquisa em análise, a transmissão televisiva é o retrato de uma realidade ou o reforço de uma caricatura, imposta como “realidade”.

O Estudo de caso também nos levou a observar, por meio das entrevistas dos episódios, se os personagens surgiram como produtores de um conhecimento ou novos saberes, geradoras enquanto indivíduos, de representações, resultados de suas práticas e experiências. Mas, por outro lado, essa produção não seria acompanhada da capacidade de produzir a teoria e o método adequados para serem, de fato, considerados como 'conhecimento', na concepção de um pensamento dominante. O Estudo de caso, quanto modalidade metodológica, facilitou a percepção de outras vozes, fornecedoras de subjetividades e saberes não ou tão ouvidas em proporção suficiente para se perceber a construção imagética ou “real” sobre o Nordeste apresentado.

É o filósofo Popper (2004) que traz a reflexão sobre lados e vertentes que existem e estariam apenas encobertas, desconhecidas

[...] Nossa ignorância é sóbria e ilimitada. De fato, ela é, precisamente, o progresso titubeante das ciências naturais (ao qual alude minha primeira tese), que constantemente, abre nossos olhos mais uma vez à nossa ignorância, mesmo no campo das próprias ciências naturais. Isto dá uma nova virada na ideia socrática de ignorância. A cada passo adiante, a cada problema que resolvemos, não só descobrimos problemas novos e não solucionados, porém, também, descobrimos que aonde acreditávamos pisar em solo firme e seguro, todas as coisas são, na verdade, inseguras e em estado de alteração contínua (POPPER, 2004, p. 13).

É como se uma soberania epistêmica tivesse sufocado a emergência de formas de diversos saberes e de produções variadas de conhecimentos

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Para tanto, urge a necessidade de suplantar o característico modelo de pensamento moderno ocidental, a saber, o pensamento abissal, o qual, através de linhas imaginárias, de Tordesilhas definidas como científicas, divide e polariza o mundo, os países, localidades e comunidades em Norte e Sul, entre os saberes produzidos no eixo Norte do país e nos eixos “do lado de lá da linha”. Para Santos (2010b, p. 32) “a divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente”.

Não é o ato de descartar os saberes mais hegemônicos, capazes de produzir uma cultura de massa, ou de relegar o saber científico e seu consequente monopólio da verdade, o eixo do pensamento abissal. Não se trata dessa proposta. Mas, de buscar, por outro lado, o reconhecimento e a credibilidade dos saberes tidos como não científicos, por não estarem submetidos a seus critérios de validade ou metodológicos, os quais não devem impedir o reconhecimento de que há outras formas de conhecimento e outros modos de intervenção numa suposta realidade. O conhecimento deixaria de ser, neste argumento, apenas a representação do real. Tornar-se-ia uma forma a mais para se descobrir o “real”, que, nesta pesquisa, se debruça sobre as “realidades” ou realidades nordestinas.

Mudança que propõe um intercruzamento de conhecimentos e saberes e não somente a imposição de uma dada realidade sobre alguém, uma região, ou uma população como um todo, que, no caso desta pesquisa, recai sobre a parcela populacional nordestina. No entanto, o intercruzamento é capaz de produzir resultados, aparentemente, paradoxais.

De um lado, gera pluralidade de conhecimentos; de outro, gera pluralidade de ignorâncias. Estado esse que não significaria um “ponto de partida”, mas de “chegada”, sendo o resultado do processo natural de esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. Um polo sendo percebido pelo outro, sem a imposição de percepções e que buscamos verificar se há ou não, nas três edições que compõem o corpus desta pesquisa, tal possibilidade.

3 CAPÍTULO II: Em busca do “Nordeste” de “Profissão Repórter”

3.1 A pedagogia do “Profissão Repórter”

O elemento pedagógico presente no estilo do programa “Profissão Repórter” da Rede Globo, que busca apresentar os bastidores de uma produção jornalística e não esconde os processos técnicos, as dificuldades e as decisões que são tomadas em cada etapa da produção, também é preciso ser considerado na elaboração deste estudo, como item que corroboraria para a percepção sobre qual o “nordeste” apresentado nas edições e os respectivos objetivos.

Embora o programa desconstrua o padrão linear da apresentação das reportagens no jornalismo tradicional, praticado em outros programas de cunho jornalístico na emissora, os elementos que formatam uma reportagem estão ali presentes.

No lugar de *off's* longos (que são as gravações da voz do repórter sobre as imagens), como elemento predominante, há *off's* curtos, que incluem outras entonações.

No lugar de sonoras, que consiste no jogo de perguntas e respostas entre repórter e entrevistado, as entrevistas são espontâneas, que não se ocupam, a princípio, com o posicionamento físico do personagem ouvido, pretendendo a reação mais espontânea possível.

Os elementos da estruturação da matéria televisiva¹³ estão ali, mas de forma mais personalizada.

O elemento ‘Passagem’, momento em que o repórter surge na tela, por exemplo, ocorre em constantes interferências, sem um texto pronto, mas que narra o fato comumente no instante em que ocorre, inclusive as pausas entre as falas do repórter.

Neste sentido, percebe-se o caráter pedagógico do programa apresentado ao telespectador, visto que cada elemento do fazer jornalístico sobrevém de maneira transparente e no empirismo que a própria execução proporciona.

Ao mesmo tempo, orientações profissionais são dadas pelo jornalista Caco Barcellos aos jovens repórteres em início de carreira, que atravessam todas as etapas da grande reportagem, executando desde a definição da pauta, captação das imagens, produção dos textos, entrevistas espontâneas e a finalização da matéria jornalística nas ilhas de edição, que podem ser definidas, conforme Tirloni (2007, p.97), “como o sistema de interligação de aparelhos de transmissão de vídeos, com tecnologias analógicas ou digitais, com a finalidade de montar materiais gravados”.

Assim, a concepção deste caráter pedagógico propicia a percepção de como o discurso

13 BITTENCOURT, 1991.

do programa se apresenta nos episódios, ultrapassando os enunciados textuais, porém engloba os *takes* e os ‘interditos’ (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Tais características contribuem ou desconstroem as percepções já existentes e consolidadas sobre o Nordeste brasileiro, fornecendo a gama de temas de teor dramático ao telespectador e à audiência de um centro produtor de cultura de massa, como o eixo Sudeste, em que se localiza a matriz da Rede Globo de Televisão.

Este estudo analisa cientificamente outros ângulos que permitam a verificação se as edições são mantenedoras ou não de uma “caricatura” já definida sobre a realidade nordestina, traçando etapas como a formatação de um capítulo que resgatasse as heranças conceituais sobre o Nordeste ou impressões de autores, como Albuquerque Júnior (2009), que contribuíram para a construção de uma imagética sobre este espaço brasileiro.

Propôs-se, ainda, a abordagem da teoria de Luhmann (2000), sobre aspectos autorreferenciais.

A partir deste cunho teórico conceitual, que sofreu a aplicação de metodologias, buscou-se identificar características que permitissem o delineamento do “nordeste” que é apresentado por “Profissão Repórter”.

Ao mesmo tempo, a identificação que perpassa pelo destaque biográfico atribuído aos personagens entrevistados que assume, no programa, o papel de representar uma suposta realidade mais ampla. As teorias que envolvem as representações sociais também se fizeram necessárias, intencionando verificar o contrato estabelecido entre os discursos midiáticos, a realidade ou as “realidades”, os estigmas ou estereótipos construídos acerca deste espaço brasileiro e abordados pela equipe do “Profissão Repórter”.

3.2 Personagens: 'alguns para representar tantos'

O Profissão Repórter recorre à singularidade de um personagem para, daí, estabelecer discursos e promover reflexões inseridas em um contexto histórico social mais amplo. É o uso da micro-história, que foca no privado, em um indivíduo, para se chegar a uma realidade ou algo próximo disto, em um ângulo mais macro. Característica que precisou ser considerada ao longo deste estudo.

É uma forma de, por meio deste 'sujeito', isoladamente, obter o mote para a construção das reportagens temáticas, que procuram responder, essencialmente, a perguntas básicas: “Como” aquela dada situação é vivenciada e “Por quem”. A vivência singular do personagem é que parece direcionar o tema abordado, que, em geral, refere-se a algo emergente que, na

linguagem das redações, é chamado de 'factual'.

Um exemplo disso, veio de uma edição sobre o uso epidêmico do 'crack' nas ruas de São Paulo, exibido no dia 27 de maio de 2014, quando toda a reportagem foi feita a partir da coleta de informações e das ações obtidas pela experiência dos próprios usuários da droga. Poucos que representaram muitos.

O Programa apresenta, assim, indícios e semelhanças com o contexto social e cultural abordado e, ao mesmo tempo, deixa traços e pistas da tecnologia audiovisual utilizada, a televisão, a qual funciona como uma definidora e orientadora daquilo que se pretende contextualizar. É como diz Rezende: a TV possui “o código icônico como base de sua linguagem” (REZENDE, 2000, p. 43) e, por isso, além dos *offs* entrecortados, além dos diálogos improvisados, dos ruídos, dos sons ambiente, é possível identificar, com muita frequência, 'takes' – às vezes com duas câmeras – que privilegiam a imagem, o visual, como elemento selecionador do assunto em emergência. Uma elemento que predomina também em outros formatos de telejornal ou programas de entrevistas, mas que possui um diferencial no 'Profissão Repórter'.

Torna-se, desta forma, até possível afirmar que em programas como o 'Profissão Repórter', objeto deste estudo, não haveria abordagem sem a presença do elemento clássico do 'Lead': o “*Quem*”. É esse item que se sobressai em cada edição. O 'Como' algo acontece também ganha destaque, seguido de “Onde” e o elemento tempo, presente na pergunta “Quando algo acontece”, ganha a periodicidade comum de todo e qualquer programa de reportagem.

Existem fatos cuja importância é mesmo 'atemporal', não havendo, assim, uma informação que necessite estar vinculada ao 'diário', ao factual. As ações são, por assim dizer, traduzidas para um fenômeno de “presentificação”, mesmo que tenha ocorrido há poucos dias, semanas, ou até décadas.

No entanto, é no “Quem”, no Personagem e sua singularidade, que se apoia a construção e a reconstrução das edições do Programa pesquisado. Há, assim, a produção de uma relação 'personagem-telespectador' que visa à identificação deste último com os fatos narrados: identificação produzida por meio do relato de fatos semelhantes, que podem ter sido uma experiência pessoal de quem assiste.

Nesses casos, não está mais em questão a verdade da história, isto é, a aderência entre o enunciado e o acontecimento, pois a credibilidade do que relatam é derivada da aparente verdade da enunciação encenada diante das câmeras e que diz respeito à sua cota de realidade na relação que é

estabelecida entre os agentes televisivos (corpos enunciadores) e os telespectadores (LEAL, VALLE, 2008, p. 11).

Contudo, há uma característica que se ressalta no 'Profissão Repórter', que é, justamente, a possibilidade do entrevistado protagonizar a entrevista. O repórter cede, em certos aspectos, seu lugar a um elemento que, em grande parte das cenas, é mesmo o condutor do tema: a centralidade do personagem. A partir dele é que outras questões são direcionadas e, no 'Profissão Repórter', o contrário não é verdadeiro. No programa, essa ordem altera o produto.

No programa, é possível identificar, no desenrolar da reportagem, a cena descrita abaixo, que pertence ao filme de Michelangelo Antonioni, de 1975¹⁴

- Há respostas satisfatórias para todas as suas perguntas. Mas não entende como pode aprender pouco com elas. Suas perguntas revelam mais sobre você do que minhas respostas sobre mim.

- Eu as fiz com sinceridade.

- Sr. Locke, podemos conversar se não for apenas sobre o que você acha ser sincero, mas também sobre o que eu acredito ser honesto.

A cena descreve o diálogo entre um líder rebelde africano e um jornalista e termina com o entrevistado virando a câmera para o entrevistador e dizendo: “Agora você pode fazer a entrevista. Você pode fazer as mesmas perguntas de antes”. Tal trecho da ficção ilustra também a filosofia e o pensamento de Buber (2009), o qual parte do pressuposto de que para uma entrevista surgir de forma genuína, se faz necessário que cada um veja ao outro como “este homem, como precisamente este homem é” (BUBER, 2009, p. 146).

Embora no programa da Rede Globo, de mesmo nome da película, o entrevistado assumira um suposto protagonismo, para o autor, esse protagonismo troca de lado, sem necessariamente ser percebido com clareza, no decorrer do jogo entre perguntas e respostas, ambas reveladoras sobre alguém e suas realidades. Para ele, essa troca e consequente compreensão do que se quer mostrar só acontece na sua relação com o outro (Eu-Tu), dentro do que ele define como “inter-humano”. Não existiria mais um “EU” concluído, mas um “EU” que se expande e se constrói na sua relação com o “TU”, quando ele se compromete com o “TU”, numa interação dialógica, com “sinceridades” e “honestidades”, que permitem que o “TU” se torne mais que um “objeto” de pesquisa, mas se torne o “SER”.

14 O PASSAGEIRO, Profissão Repórter. Direção: Michelangelo Antonioni. Itália, EUA, Espanha, 1975. 1 DVD (126 min), cores. Título original: Professione Reporter.

O conceito de Buber ainda defende que cada um se volte ao outro sem a imposição de verdades e idéias. Elemento que pode ser identificado, em parte, no programa televisivo. Em parte, pois, de fato, há um retorno da câmera para o entrevistador, que também expressa os bastidores técnicos e emocionais de sua atividade e de sua entrevista; mas, por outra parte, não deixa de ser um sujeito que carrega seus próprios discursos, advindos de outras realidades econômicas e sociais. Em que limite essas epistemologias se cruzam em *Profissão Repórter*, da Rede Globo, é que foi meta das análises no corpus desta pesquisa.

O filme de Antonioni parece corroborar com estas questões, já que o mover da câmera, no trecho citado do filme, parece querer conduzir o personagem do jornalista para a percepção de que a entrevista não deve ter um caráter inquisidor, já definidor de uma realidade. O jornalista, no filme, precisava não se preocupar somente em enquadrar suas perguntas em ideais próprios de honestidade, mas, fundamentalmente, focar no que seria “honesto” na realidade de seu entrevistado.

Prática essa que implica num “modus operandi” que requer uma escuta verdadeira, sem amarras, de respeito ao que é dito, mesmo que existam discordâncias. O contrário disso gera apenas o registro técnico de voz, imagem e trilhas sonoras.

Buber fez surgir questões fundamentais no decorrer desta pesquisa, no momento em que força o surgimento de indagações como: *Profissão Repórter*, o programa, se preocupa com o “Eu-Tu”, ou com o “Eu-Isso”, com o “Eu-Objeto”?

Se faz necessário, para o descobrimento dos saberes, perceber a metáfora do reposicionamento da câmera na película italiana. É como se a câmera pudesse demonstrar, ao ser reposicionada, que o entrevistador também faz parte daquele processo, sem isenção e que, neste processo, de descobrimento de saberes e “realidades”, a entrega e o protagonismo devem ser mútuos. Mutualidade que traz de volta ou, em última hipótese, mantém a problematização inicial, que é a de verificar se – nesse intercruzamento – há mesmo uma independência no que se refere às visões e sentidos produzidos ou reproduzidos sobre o Nordeste.

3.3 “Envolve-me, logo reporto”

Antes de iniciar o Estudo de Caso propriamente dito, se fez necessário, igualmente, um breve resgate sobre o conceito de jornalismo investigativo, estudado por alguns autores e pesquisadores, diante da base do “*Profissão Repórter*” ser, essencialmente, investigativa.

O berço deste conceito surge no Iluminismo, que abriu a porta para os primeiros textos

nesse viés. O Movimento primava que as descobertas só viriam por meio da observação e, a partir desta, as novas opiniões poderiam se fundamentar, encontrar legitimação, segundo Burgh (2008) e Sequeira (2005). No entanto, foi nos Estados Unidos que a concepção contemporânea de Jornalismo Investigativo se desenvolveu, mais precisamente entre os anos de 1964 e 1973, quando os jornalistas começaram a publicar a atuação de políticos americanos, sob uma profunda análise.

Para a compreensão dos conceitos de jornalismo investigativo, sob o manto da objetividade, imparcialidade e neutralidade, se fez necessário recorrer a autores como Rodrigues (2009), que demonstra como tais elementos, a partir da década de 70, no Brasil, passaram a ser indispensáveis e uma espécie de prerrogativa, diante da censura e dos limites impostos no período militar.

Desta forma, o distanciamento do chamado “juízo de valor”, distanciamento da opinião se vinculou não apenas a uma condição profissional e ética; mas, sobretudo de sobrevivência (RODRIGUES, 2009). Em 18 de junho de 1972, nos EUA, por exemplo, essa mesma linha de pensamento foi percebida no jornal diário *The Washington Post*. Nesta data, o impresso publicou uma reportagem que mais tarde seria rotulado como o conhecido escândalo americano, batizado de caso Watergate¹⁵.

No Brasil, essa modalidade de investigação jornalística só veio mesmo se consolidar em 1976, quando o Estado de São Paulo publicou uma série de reportagens sobre como viviam os ministros e os funcionários do alto escalão, no amargo período da Ditadura Militar. Período esse em que, conforme Dines (1986), transformou a prática jornalística numa mera reprodutora das chamadas “Notas Oficiais”, condição essa mantida pelo autoritarismo dos Atos Institucionais do Governo Federal. O texto era recebido, por assim dizer, “finalizado” nas redações e, desta forma, se eliminava a função primordial da investigação e da apuração. A finalização só não era completa pois era permitido ao repórter acrescentar um breve ‘Lead’ ao assunto. Diante disso, a função de apuração ficou perdida, até as publicações de O Estado de São Paulo, que demonstrava uma incipiente reação ao aperto ditatorial dos militares. “Nos anos 1970, por exemplo, o modelo de jornalismo investigativo muito apreciado tinha como referência a corrente americana denominada New Journalism” (SEQUEIRA, 2005, p. 62).

O jornalismo investigativo, apresentado no programa, tem como foco o objetivo comum a toda reportagem investigativa¹⁶: que é o de trazer à superfície, aquilo que está

15 O caso se refere a uma escuta ilegal na sede do partido Democrata (EUA), instalada por pessoas ligadas ao governo republicano. Os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein investigaram a invasão ao Complexo Watergate para fotografar documentos e instalar aparelhos de escuta na sede do Democrata.

16 ARANTES, Haydêe Sant' Ana; MUSSE, Christina Ferraz. Profissão Repórter: Os Desafios da Nova Reportagem Investigativa na TV. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1104-1.pdf>. Acesso em:

encoberto na ação de agentes políticos, instituições e pessoas, indiretamente, ligadas às ações ilícitas, que vão desde as fraudes em licitações, prostituição de menores, emissão de documentos falsos, desvios de verbas públicas, crimes ambientais; tudo que está oculto ao cidadão. É preciso, para tanto, recorrer a autores como Dirceu Lopes (2003).

Ao contrário de alguns profissionais que argumentam a característica de toda Reportagem se tratar de uma investigação, Lopes conceitua o termo como “a busca pela verdade oculta” e ainda pela “reportagem em profundidade”, obtida a partir de um esgotamento de apurações e de uma busca que faz o repórter ser muito além de um transmissor de informações.

Este trabalho se apoia ainda em teóricos que compartilham do mesmo pensamento de Lopes, os quais colocam essa modalidade no mesmo patamar de um prestador de serviços às comunidades para as quais o tema se dirige, ao expor injustiças e falhas no setor público relacionado àquela parcela da população. Funcionaria, assim, como um tipo de “guardião”, num esforço para contar os fatos como eles são, foram, ou deveriam ter sido (SEQUEIRA, 2005, p.24)

O diferencial recai, então, sob o caráter mais específico e detalhista da apuração, a qual pede mais tempo para a conclusão da matéria e que envolve, em geral, mais recursos financeiros para se concretizar o fato investigado. Um tempo e recursos justificados na necessidade de se aplicar o máximo de precisão nos termos legais, sociais e políticos, que estão envolvidos no assunto apurado. Para a pesquisadora Monteserrat Quesada, “Só no momento em que o repórter passa a utilizar técnicas e estratégias que não fazem parte das rotinas dos trabalhos jornalísticos de atualidade, a reportagem se transforma em reportagem investigativa” (QUESADA, apud SEQUEIRA, 2005, p.74).

Outro diferencial, também presente no arcabouço do programa “Profissão Repórter”, reside no que Nilson Lage conceitua como uma forma extrema de reportagem, que requer uma maior dedicação em sua finalização (LAGE, 2006). O patamar diferenciado também se apresenta em requisitos que autores como Lopes e Proença (2003), nos quais nos apoiamos nesta pesquisa, que definem como constituintes desta modalidade jornalística alguns procedimentos.

Para os autores, o jornalista não deve estar à espera, nesta modalidade, de resultados obtidos pela polícia ou ficar a mercê de dossiês e muito menos dos *releases* oficiais. Este trabalho de investigação deve ser fruto do esforço jornalístico em busca do que está oculto. Um esforço que, para os autores, se caracteriza nestes termos

[...] promover reformas; expor injustiças; desmascarar fraudes; dar a conhecer o que os poderes públicos querem ocultar; detectar quais as instituições cumprem os seus deveres; demonstrar como funcionam os organismos públicos; dar informações aos leitores sobre políticos e suas intenções e reconstruir acontecimentos importantes (LOPES; PROENÇA, 2003, p. 15).

Para o idealizador, o programa reforça os requisitos de Lopes e Proença ao associar tal dedicação extra com termo cunhado por ele como “jornalismo ativo”. Modelo onde o segredo repousaria na ação do repórter. No entanto, tal prática, a do jornalismo ativo, não pode se confundir com o chamado “jornalismo de dossiê”, aquele em que o repórter recebe documentação sobre um certo assunto, o que, para o jornalista e apresentador, não é jornalismo investigativo, pois o repórter não saiu a campo para fazer as descobertas e não investigou. (BARCELLOS, 2003a).

No programa, é fácil notar uma característica, que marca o jornalismo investigativo de modo geral, mas de contornos mais amplos no programa global: a insistência e o envolvimento. Com o tema, inicialmente, e, posteriormente, com os entrevistados, mas sem perder o foco de investigar e observar uma realidade. Elementos que conduzem para além do “jornalismo de dossiê” e que, inevitavelmente, interferem na produção das informações acerca do objeto deste estudo de caso, os quais precisaram ser levados em consideração.

É comum nos episódios perceber como os repórteres priorizam a insistência na imagem que mais retrate o tema e na pergunta ou personagem que mais se enquadre no assunto abordado e, em nome do objetivo de levar vários ângulos de um mesmo fato aos telespectadores, não são raras situações de perigo ou, no mínimo, momentos de risco, expressos indiretamente. Segundo o próprio Caco Barcellos, em entrevista ao então mestrando Bruno Teixeira Chiarioni, em sua dissertação na Faculdade Cásper Líbero, não são difíceis situações de pular muros, passar cinco dias embaixo de pontes, dentre outros momentos semelhantes.

Uma destas situações ficou evidenciada, por exemplo, na edição sobre a prostituição infantil nas estradas do Nordeste, exibida em 20 de outubro de 2011, quando o repórter se aproximou de um caminhão, onde, na cabine, o motorista estava pagando pelos serviços de uma jovem, com ‘supostos’ 18 anos, mas que se prostituía desde os 13, fato presente na comunidade onde vivia. O motorista percebeu, mas o repórter deixou o local.

Outra situação de risco também se apresentou quando Caco Barcellos descobriu um prédio que servia, segundo uma ex-prostituta que lá residia, para aliciamento de meninas com

menos de 18 anos de idade.

Os “riscos” também são demonstrados no fato do programa priorizar a construção da narrativa “in loco”, fora dos estúdios das gravações, que nunca foram utilizados, ampliando, assim, a exposição da equipe a situações complicadas, mas realizadas com planejamento e segurança. Nos recentes protestos e marchas nas avenidas do país, contra corrupção e durante as ações do movimento “Passe Livre”, Caco e sua equipe foram, inicialmente, cercados pelos manifestantes e, por algum tempo, impedidos de realizarem o trabalho da imprensa, já que foram vistos como representantes da Rede Globo, a qual, segundo os autores dos protestos, fornecia uma ótica parcial e hegemônica sobre as passeatas.

Uma característica também presente quando a atração era só um quadro do Fantástico. A ausência de gravações em estúdio colabora para afastar o modelo do programa dos padrões do telejornalismo tradicional, explicado em manuais do telejornalismo (BITTENCOURT, 1991).

A narrativa feita no local, com textos simples, mesclados com off’s curtos e no momento em que se está ocorrendo a cobertura do fato ou a entrevista com os personagens, contribui para reforçar no telespectador a sensação de que tudo se processa “ao vivo”. Nas escolhas das histórias que serão mostradas, o programa prioriza assuntos não muito comuns no cardápio do telejornalismo tradicional. “Os acontecimentos tem que ser inesperados ou raros, ou de preferência, ambas as coisas para se tornarem boas notícias.” (GALTUNG; RUGE, 1965, p.66).

Na busca pelos vários ângulos de uma mesma notícia ou tema, o jornalista Caco Barcellos está presente em todos, discutindo os próximos passos dos assuntos, que vão desde denúncias a temas polêmicos, em edições que parecem transitar entre vários gêneros e formatos televisivos, como o jornalismo investigativo, o documentário e a grande reportagem.

Não se pretende, é preciso reforçar, a realização de mais um estudo sobre o “Profissão Repórter”, programa que já rendeu teses, dissertações premiadas e publicações com pesquisadores de renome. A proposta é a de analisar, por meio de um Estudo de Caso do *corpus* escolhido, se, de fato, existe alguma diferença entre as representações do nordeste e das demais regiões, a partir de um veículo considerado produtor de cultura de massa pelo senso comum e identificar se os saberes já formulados sobre o Nordeste brasileiro e sua população são mantidos.

Análise que, de antemão, assume os meios de comunicação de massa como componentes culturais importantes na formação das teoria das representações sociais, através da inclusão das análises de coberturas que a mídia realiza a respeito dos temas que trata, já

que as representações se encontrariam, tanto nas mentes de quem assiste um dado programa de TV, quanto na própria TV, sendo necessário interceptar essas representações e, em seguida, tentar detectá-las em ambos os lugares. (FARR, 2003).

Em 15 de dezembro de 2009, por exemplo, o programa apresenta uma edição que prioriza um enquadramento de câmera também não muito usual nos assuntos abordados, que é o plano aberto em todo o local onde se desenvolve a reportagem – um hospital público. O plano segue o foco para as escadas de uma enfermaria. Tudo para apresentar, priorizando a emoção como tom mais forte, o episódio da vez: “Vida e Morte”, que integra o imaginário dito coletivo e explorado numa mistura entre jovens e experientes jornalistas.

Embora não esteja enquadrado no *corpus* principal desta pesquisa, esta edição também foi escolhida por ser uma das que mais demonstra o envolvimento dos jovens jornalistas com os personagens e como uma preparação para o entendimento das edições voltadas ao Nordeste. Foi analisada antes daquelas enquadradas na estratégia metodológica.

Naquela edição, uma interação surpreendeu aos próprios repórteres, em reações vindas dos próprios enfermos, como a vivenciada pela repórter Thais Itaqui em um leito do Hospital do Servidor Público Estadual, localizado em São Paulo, onde ela se depara com o paciente identificado apenas como “seu Alaor” (figura 1), que, debilitado, demonstra preocupação com a repórter e a questiona para saber se a jovem jornalista havia transmitido o recado que ele deu para a mãe dela.



Figura 1 - Interação entre Thais e seu Alaor (Reprodução/TV Globo) – 15/12/2009

Experiência inédita que corrobora com o que diz Eliane Brum, jornalista que construiu a carreira no meio impresso e que também participou do episódio: “A reportagem sempre fica melhor quando somos surpreendidos, quando ouvimos algo que não planejávamos” (BRUM, 2008, p.37).

A edição como um todo quebrou ritos do fazer televisivo, desde o momento em que uniu, na mesma edição, uma jornalista iniciante com a experiente Brum. No entanto, por outro lado, era uma experiência inédita para aquela que escrevia, há anos, numa revista semanal. A equipe passou os 40 dias nas alas do hospital e demonstrou, desde o início, o compromisso com o viés do programa, que é a quebra de protocolos de matérias nessa perspectiva: se envolveu, sentiu, chorou, compartilhou os dramas de quem fazia confissões entre cenas gravadas e de “bastidores”, como elenca Caco Barcellos na abertura de cada programa.

A abertura também fugiu aos padrões do telejornalismo, no momento em que a repórter relata o que, via de regra, na técnica jornalística, só ocorre entre os membros da equipe, que foram os passos daquela reportagem. A primeira etapa, revela Thais Itaquí, será de apuração. Frase que ela declarou não em uma conversa com o repórter cinematográfico, com um diálogo sendo exposto em legendas para quem assistia.

A declaração foi dada olhando para a lente da câmera, gerando um sentimento de confiança mútua entre profissional e telespectador. Neste momento, ao se referir que, em determinadas apurações, se busca além da superfície dos fatos, busca-se o não evidente, a maior intimidade possível. Busca-se a “poética”, pensamento de Bachelard (1979) que, no diálogo com seu Almor, se concretiza a interação, o envolvimento, embora com um distanciamento mental daquilo que se quer perceber e transmitir.

Nesse objetivo, o programa segue sem buscar o óbvio, o aparente. As imagens ampliam, para o telespectador, a realidade do hospital e seus pacientes. É uma espécie de lupa, que permite ir além da narração burocrática de um quadro clínico que piora, seguido de falecimento. A edição segue a linha do programa e adota o comportamento contrário das edições tradicionais. Característica que se impõe no exato momento em que a repórter tem a informação de que o paciente tem poucas chances de vida, o que, de fato, ocorre.

Mas, até o óbito, a jovem repórter senta-se ao lado do leito, assumindo uma postura muito além do profissionalismo, mas de um “amigo” ou “familiar” naquele quarto. Uma proximidade expressa no comentário feito por Thais Itaquí, no dia seguinte ao falecimento de seu Almor. “Fica o vazio, assim como o vazio deste quarto”, desabafa a repórter. O episódio “Vida e Morte” passou por pré-produção, produção, edição, dentre outras fases. No entanto, o uso das técnicas não foi um limitador. Os limites eram ditados ali, pelo próprio repórter, que

decidiu ficar do lado nos últimos momentos do seu “entrevistado/paciente”. Puxou uma cadeira e sentou ao lado da maca daquele recente “amigo”, nas últimas horas dele. Fez isso, enquanto nenhum familiar se apresentou.

Uma edição que buscou demonstrar que o programa não tem o compromisso com a execução das técnicas por si só, mas estas estão a serviço da produção de um novo sentido nas reportagens desse formato. São novas representações que são produzidas no ato de reportar um fato. Tal liberdade está clara, por exemplo, no instante em que Eliane Brum se chega para um bate-papo com as enfermeiras, as quais falavam sobre os 12 pacientes. Não há uma preocupação em interromper a conversa, mas de interagir e obter comentários espontâneos. Busca-se, então, perceber como o tema ‘Nordeste’ é tratado na construção de tal estrutura.

Percebe-se, no entanto, desde já, que o programa busca estabelecer um caminho, onde se pisa com cuidado, em direção não apenas ao cumprimento de elementos da pauta jornalística do dia, mas, em direção ao “outro”.

Já em junho de 2010, o telespectador se deparou com uma edição que conseguiu dar vida aos dramas do nordestino, que foram imortalizados nos clássicos da literatura brasileira. “Vidas Secas”, Romance de Graciliano Ramos, e “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, parecem ter saído das páginas dos livros, para serem captados, em todas as suas angústias, pelo olhar humano do repórter e pelo olhar mecânico da câmera – que tinha, por trás, mais um olhar dotado de sensibilidade, o do cinegrafista.

Elementos que foram necessários para retratar a aflição dos ribeirinhos, ao terem suas casas destruídas pelas enchentes. Nas declarações, expostas em caracteres, em forma de versos, para o telespectador – trazendo neste ponto mais um elemento literário, a confirmação do pensamento de Bachelard (1979), no que se refere à obra “Poética do Espaço”. Os ribeirinhos estavam, desta forma, vivenciando a perda do que, para o filósofo francês, significava proteção e noção de canto no mundo: a casa. Significado perdido com o arrastão das enchentes. “Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos. Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos” (BACHELARD, 1979, p.204-205).

O episódio, batizado de “Chuvas no Nordeste” foi um dos que motivou o desenvolvimento desta pesquisa, como uma espécie de análise-piloto para os que foram escolhidos para o corpus deste estudo. Nele, se percebe, com clareza, que o programa não trabalha com os planos de imagens característicos do jornalismo convencional. Não há a preocupação em dar o ritmo padronizado aos cortes. Os planos sequenciais são a prioridade.

Há também uma forte marca de um processo que pode ser chamado de desconstrução

também de elementos como a preparação da entrevista, entre entrevistador e personagem. Quanto mais surpresa for a abordagem – sem ser ofensiva – e quanto mais se vivenciar o imediatismo das reações, mais o programa estará dentro de sua proposta, que prima pela surpresa. O “Chuvvas no Nordeste” não foge a esta regra/não regra. A busca pela descoberta está bem presente, quando, por exemplo, Caco Barcellos diz ter obtido a informação de que uma das famílias buscou refúgio em um presídio desativado.

A sequência de imagens dura cerca de oito segundos, até o repórter encontrar a matriarca, que o recebe envergonhada. Reações não editadas. Entrevista não pré-gravada e a primazia da descoberta selada em mais uma vez.

3.4 O Contrato, o “real” e o estigma

É possível supor que o mesmo processo, aquele que ocorre quando capturamos a realidade, a qual é submetida a uma espécie de filtro, que denominamos “ponto de vista”, também se repete na captura de um fragmento do real pela TV. A notícia ou o tema abordado em “Profissão Repórter” também se tornaria, por este viés, uma forma de construção de uma “realidade”, uma formatação de um acontecimento dentro do que se define como contrato de comunicação midiático. Contrato esse, que pressupõe restrições, diretrizes técnicas e habilidades subjetivas, através das quais se desenrolará a encenação da informação. Tudo será conduzido nestas diretrizes, “de acordo com os efeitos que se pretende produzir no telespectador” (CHARAUDEAU, 2006, p. 129).

O caminho é sempre a via que parte, no contrato do telejornalismo, do acontecimento até ao ponto final, dentro do que se define como narrativa midiática, que, no telejornal ou em “Profissão Repórter” permite a sensação – ou algo próximo disso, de uma espécie de “ao vivo” em segundo grau. A sensação de que os eventos se desenrolam, se não ao mesmo tempo, na impressão de que a meta final – a narrativa – se deu pouco após o seu ponto de partida, que é o acontecimento. Um processo que se desenvolve numa suposta ou aparente reconstituição dos fatos.

Em “Profissão Repórter”, esse “contrato midiático” segue o padrão dos telejornais de bancada. A diferença é que o assunto que seguirá essas diretrizes e restrições não se dá por meio de apresentadores sentados, mas por meio do âncora que faz a escalada das informações ou a Abertura dos episódios, o jornalista e apresentador do programa Caco Barcellos, responsável pela gravação do que nos telejornais convencionais se define como “cabeça”.

Assim, “Profissão Repórter” parece incorporar o que defende Machado (2000), o qual

caracteriza o telejornal como uma “polifonia de vozes”, onde a notícia reconstrói o acontecimento a partir da combinação de diversos pontos de vista, envolvendo vários enunciadores, que é representado no programa pela numerosa equipe de jovens repórteres, os quais fornecem diferentes entonações e variados níveis de dramaticidade, sem que um, aparentemente, se sobreponha ao outro. Um meio de fornecer os “vários ângulos”, defendido por Barcellos. Uma outra voz, a quem caberia supostamente a interpretação final, seria a do telespectador.

No programa da Rede Globo, também é possível ressaltar o conceito de policromia proposto por Souza (2001), através do qual a autora argumenta que as imagens funcionam como “heterogeneidades na estrutura visual”, no jogo entre os elementos da linguagem não verbal, representada pelas cores, enquadramentos, que podem favorecer outras perspectivas do assunto abordado. Segundo o autor, ao definir a policromia como rede de elementos visuais, implícitos ou silenciados, verifica-se que são esses os elementos que possibilitarão as diferentes interpretações do texto não verbal (SOUZA, 2001)¹⁷.

Polifonias e policromias que se entrelaçam no ambiente televisivo, o qual favorece a interação entre a chamada linguagem verbal com a não verbal, a fala e a imagem, “numa solidariedade tal, que não se saberia dizer de qual das duas depende a estruturação de sentido” (CHARAUDEAU, 2006, p. 109). No entanto, essa mistura enunciativa delimitaria os efeitos sentimentais e emocionais para tudo que é produzido pela imagem. Deixaria, por outro lado, a palavra, o texto, as falas, para o campo do que se pode definir como conceitual.

Contudo, em certos trechos do *corpus* escolhido, há, nas edições, imagens que se repetem, que reforçariam pequenas locuções. Sozinhas, estas últimas não produziriam, ao nosso ver, o jogo enunciativo que é o estabelecimento da narrativa mais ampla. O contrato estaria prejudicado. No entanto, não há como fugir de uma característica dos tempos atuais. Esse intercruzamento pode, igualmente, contribuir, em “Profissão Repórter”, para a fixação ou renovação de antigos “estigmas” ou, em última análise, de “esteriótipos”, cuja definição é abordada por Soares. Enquanto, para a autora, o estigma é uma “cicatriz”, podendo ser tanto um sinal inflamante ou vergonhoso, os esteriótipos são

definidos usualmente como “forma compacta obtida pelo processo estereotípico”, uma espécie de clichê (gravação, reprodução) que se torna um lugar-comum, um chavão utilizado sem que nos perguntemos sobre suas significações. Os discursos midiáticos, em geral, e os discursos jornalísticos, em particular, encontram-se repletos dessas expressões, que carecem de

17 SOUZA, T.C.C. A Análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. Revista eletrônica Ciberlegenda. Niterói: UFF, nº6, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm>>

explicação. No caso dos estereótipos, ao identificar determinadas posturas ou comportamentos automaticamente enquadrados as pessoas que os possuem em categorias previamente definidas. Em relação aos estigmas, diríamos que os estereótipos funcionam como reafirmação e manutenção de um sistema já instaurado – por meio daqueles – como diferenciador de grupos determinados (SOARES, 2009, p.2).

O conjunto de polifonias e policromias, o entrelaçamento de falas e imagens também estariam presentes em “Profissão Repórter” e suas devidas consequências, como a formação das representações, de possíveis estigmas e estereótipos, através dos quais, conforme a autora, encaixamos as pessoas em uma fôrma pronta. No caso dos estigmas, é o estigmatizado que evoca tal “cicatriz” em relação ao outro. “Esse relevo, resultado de jogos enunciativos, que faz com que esse 'outro' o estigmatize. Nesse sentido, o estigma não passa apenas pela simples relação entre dominantes e dominados, mas por um certo consentimento e aceitação desse lugar (que se não chega a significar coesão, também não é coerção)” (SOARES, 2009, p.3).

Assim, a autora define que é o conjunto dessas marcas que sustentaria esse estereótipo e o próprio preconceito.

Somente ao considerar essas conceituações é que foi possível estabelecer uma amostragem para se pensar os estigmas como um campo difuso, multifacetado e fluido, conforme define a autora e enxergar os estereótipos e preconceitos, ao contrário, como um campo mais unilateral e compacto. São polos que geram uma escala de matizes e variações, especialmente quando se parte de um objeto midiático, como o programa das terças-feiras, da Rede Globo de televisão.

Este estudo assume, também, neste ponto, a teoria da autora, ao sugerir, que, em caráter geral, os estigmas trazem em sua base, uma grande narrativa, ou um grande tema ao longo da história, o qual, neste estudo, pode ser exemplificado pela abordagem da Seca ou no tema Trabalho Infantil. Grande Narrativa que apresentaria uma certa invariância (diferenças geracionais, sexo, vida/morte, política, religião, cultura) e que tenderia a modificar-se pouco ao longo do tempo e o que se transformaria seriam as pequenas narrativas que o recobrem, sua superfície e, portanto, suas reproduções e encaixes na forma dos estereótipos.

4 CAPÍTULO III: Análise dos dados e a complementariedade dos métodos

4.1 O “Discurso”: além da polaridade 'emissor-receptor'

Como dito anteriormente, a meta nesta pesquisa foi utilizar-se da metodologia do Estudo de Caso como modalidade principal de obtenção de variáveis – tais como os cenários mais frequentes e o perfil dos entrevistados, os quais podem ser signos das variáveis “ambiente” e “sistema”, já citadas anteriormente. No entanto, ao nosso ver, as estratégias metodológicas não precisavam ser, neste estudo, excludentes e, ao considerarmos as representações como uma forma de Discurso, nos pareceu apropriado recorrer a uma análise discursiva de um dos episódios, com o restrito fim de amparar a obtenção de considerações acerca do *corpus* analisado. Uma decisão, tomada ao longo de todo o percurso, diante da preocupação em não relegar ou pensar a comunicação a partir de uma perspectiva que considere somente o fenômeno em polos como o emissor e o receptor.

Ao nosso ver, definir tal complexidade nesta polaridade seria congelar este processo que existe nos discursos midiáticos. Fez-se necessário considerar os interlocutores como participantes, em uma espécie de coautoria na formatação do tema abordado. Desconsiderar este elemento, que está presente, como uma forte característica em “Profissão Repórter”, ao ver desta pesquisa, mesmo em nível ainda incipiente, seria estancar o processo.

Esta etapa foi necessária a fim de identificar os subjetivismos presentes em cada edição, o que será apontado mais adiante. No entanto, perceber a capacidade de antecipação, presente em todo falante – seja na elaboração do enunciando, como na forma de sua enunciação – também se julgou fundamental neste estudo como fator de aprofundamento. Conforme Bakhtin

O enunciado daquele a quem respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeção, o qual executo, levo em conta etc.) já está presente [...]. Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado. (BAKHTIN, 2003, p. 302)

Os efeitos de sentido ocorreriam numa correlação que é inerente a este processo descrito pelo autor e que é complementado em seu pensamento por Orlandi (2009), considerada a introdutora da Análise do Discurso no Brasil, quando a autora diz que é freqüente tal colocação do sujeito falante, na posição em que seu interlocutor o “ouve”. O entendimento ou a reflexão deste processo colocaria a comunicação não como um processo

entre dois polos. Ela estaria mais próxima de uma relação que se estabelece em um jogo de poder, convencimentos e tentativas de sujeição e dominação. Seria um processo discursivo que possui amplitudes as quais não podem ser dimensionadas de forma tão positivista. É desigual e impregnada de dominações, reações e convencimentos

Como em um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de ‘jogadas’, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos [...], esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles ‘querem’ (ou gostariam de, deveriam) ouvir. (ORLANDI, 2009, p. 41-42)

Um processo que demandou, ao nosso ver, a utilização de uma estratégia metodológica principal, porém, com métodos não excludentes, no ressaltar deste caráter (político) relacional e contraditório entre os sujeitos falantes e seus interlocutores, presentes em “Profissão Repórter”.

Há uma tensão entre as expectativas dos jornalistas em relação ao que desejam que suas fontes façam (ou falem) e as tentativas destas mesmas fontes produzirem subjetividades por meio da visibilidade momentaneamente conquistada nas edições nas quais participam. Existem táticas, gestuais, antecipações, que são perceptíveis somente na adoção de critérios de análises. A visualização passiva, dos três blocos dos episódios talvez não permita essa reflexão.

Um exemplo desta tensão e de uma “antecipação” jornalística em direção ao entrevistado pode ser retirada da edição sobre o Trabalho Infantil em cidades nordestinas. Naquele momento, o que se viu no episódio já evidenciava o que a equipe de jovens repórteres esperava receber por meio das perguntas ou das afirmações que antecediam ao microfone direcionado a moradores das comunidades, em municípios como Areia Branca (RN), João Câmara (RN), e no interior de Alagoas (AL), como na localidade conhecida como Lagoa do Mundaú. As perguntas sugeriram índices de dramaticidade (diante do excesso de esforço físico e falta de tempo para o lazer), bem como índices de resignação, que partia dos próprios pais, os quais viam a prática como um “lazer doméstico”, responsabilidade familiar.

Mas, tais índices não podem ser reduzidos a um maniqueísmo somente, como se a equipe sugerisse ativamente e a população respondesse. Há um jogo de estratégias e táticas, de um lado, da emissora, em seus enunciados e destaques de palavras específicas como “crianças”, “lazer”; e de outro lado, também se via o desejo de agentes fiscalizadores e de alguns pais em participar ativamente dos acontecimentos e guiá-los a uma suposta “realidade” local, comum e cotidiana.

Há uma interação ambígua e complexa entre a instância jornalística e as “fontes comunitárias” potenciais.

Há um acatamento ou antecipação, uma entrega e resistência em maior ou menor grau, em ambos os atores.

Uma execução de estratégias que é bem explicada em Certeau (1994)

o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito do querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado [...] como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. (CERTEAU, 1994, p. 99)

Já a tática, para o autor, é o elemento que “não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (CERTEAU, 1994, p. 100). Se de um lado, houve a quebra do que se esperava como resposta – quando da afirmação dos pais encararem a atividade como tarefa doméstica, de outro lado há um estabelecimento de consensos e de buscas de “verdades” a partir das “armas discursivas”, estratégias (ou táticas) que se têm em mãos, presente tanto nas imagens, como nos questionamentos, como, por exemplo, na pergunta direcionada pela repórter Paula Akemi a uma criança e na questão feita pelo apresentador ao adolescente¹⁸.

–*“E, agora, você já pode brincar?”*

–*Não... tenho obrigações... catar sururu..*

Consenso também obtidos – no que se refere à meta de transmitir a imagem de uma atividade desumana – na adesão de protagonistas desta realidade, quando colocavam em exposição o esforço em acordar às duas da manhã, para catar o sururu, ou na queima da castanha. Nesta edição, por exemplo, a pergunta de Caco Barcellos já insinua, ao adolescente, que o trabalho é dolorido e obtém dele a resposta e a adesão esperada.

- *Dói sim... dói aqui...* (ao apontar para as costas)

Conforme Bakhtin (2003), como a base de toda palavra é o dialogismo, um embate complexo de diversas interações discursivas pode ser travado pelos diferentes sujeitos

¹⁸ Transcrições dos diálogos da repórter Paula Akemi com a criança e de Caco Barcellos com o adolescente. Edição do Profissão Repórter em 10/07/2010.

(interlocutores) em seus múltiplos e constantes gestos, que vão desde antecipações, como a provocada pelo apresentador Caco Barcellos, ou nas recusas e acatamentos, como o obtido na resposta do adolescente.

A repórter Paula Akemi também se utiliza de mecanismos de antecipação, a fim de receber a adesão naquilo que se quer transmitir ao telespectador, quando pergunta, já em tom afirmativo, se o acordar às duas da manhã seria “muito cedo”, em outra entrevista, desta vez com um adolescente de 16 anos de idade.

Percebe-se, por meio dos conceitos de Mendonça (2002), que a edição trabalha essa combinação dialógica bakhtiniana, que trafega do acatamento (do ponto de vista do outro na construção da mensagem), passando pela antecipação (na escolha dos elementos que, sabemos de antemão, irão coadunar com a “realidade” do interlocutor), até chegar no elemento da intertextualidade (ao costurar a fala do repórter a elementos de outras vozes, anteriores e, talvez, que legitimasse a difícil rotina das crianças e adolescentes, que viria pela fiscalização dos auditores).

A intenção desta análise inicial, contudo, não se apresenta como um caráter definidor, conclusivo. Contudo, é possível afirmar que o modelo utilizado por “Profissão Repórter”, aparentemente inovador, pode até embaralhar lugares antes definidos como fixos do fazer jornalístico, tanto no viés acadêmico, quanto no ensino da profissão, mas mantém a combinação dialógica de Bakhtin (2003). Mantém, por um foco, as oposições estabelecidas entre emissão e recepção ou enunciador e àquele que se submeteria ao discurso.

No entanto, noutra prisma, uma consideração conclusiva destas transformações televisivas, em supostamente demonstrar os “bastidores” de uma reportagem, se torna mais complexa ao nos depararmos com um fenômeno discursivo midiático complexo, embricado, que não caberia somente em categorizações.

Há, ao nosso entendimento, a necessidade de se traçar novas epistemologias, para que se evitem dois riscos: o de não se definir meios para se especificar nossa atuação teórica e profissional e o outro que consiste em não se antecipar a conclusões de que as “novidades comunicacionais” seriam uma “emancipação”, um desenvolvimento do já tradicional fazer televisivo.

4.2 Imagética complexa, métodos complementares

A definição por ângulos variados de abordagens metodológicas foi necessária devido à própria natureza híbrida da televisão, que mistura sons, movimentos, imagem e narrativas em

seus produtos. Fator esse que provocou a necessidade de utilização de mais de uma estratégia metodológica.

A ideia foi verificar, por meio de variáveis ou categorizações quais os temas predominaram, que regiões brasileiras foram alvo, bem como se a discussão de pauta é mesmo presente em toda essa amostragem. Itens ou agrupamentos que, ao nosso ver, se inserem como representantes dos “cenários” e dos 'entrevistados’ e personagens. Esses aspectos do programa foram, em seguida foram agrupados, cruzados para que fosse facilitada a elaboração de uma abordagem mais qualitativa sobre o programa e assim complementassem a breve análise de discurso já realizada. A meta é mesmo a de ver os métodos como complementares e não excludentes.

Neste fim, em paralelo à análise discursiva já exposta, foram delineadas etapas que permitissem a realização do Estudo de Caso, com elementos mais qualitativos, os quais foram extraídos de recursos advindos da própria entrevista com o apresentador do programa, Caco Barcellos, em outubro de 2013, quando da realização do I Congresso Internacional de Comunicação da Universidade Potiguar, UNP, o qual ocorreu nos dias 21 e 22 de outubro no Centro de Convenções de Natal/RN, na Via Costeira. Um fator qualitativo que foi reforçado pela análise e audição – com a extração de *frames*, que são partições de matérias extraídas por meio de softwares especializados – das entrevistas realizadas nos três episódios que compuseram o *corpus* deste estudo.

As respostas dadas por Caco Barcellos permitiram a obtenção de variáveis mais subjetivas e, por sua vez, mais qualitativas sobre o tema pesquisado. As respostas fornecidas também exigiram a verificação de outros assuntos abordados no programa “Profissão Repórter”, os quais nos permitiram a comparação com as variáveis presentes no *corpus* principal. A meta, ao considerar outros episódios, foi, igualmente, a de identificar como os temas, com importâncias semelhantes aos problemas do espaço brasileiro, objeto desta pesquisa – o 'Nordeste', são expostos ao telespectador. Conforme tabela a seguir:

Episódios	Temas	Expressões de inferência	Discussão de pauta	Regiões abordadas	Data
'Mais Médicos'	Saúde	Polêmicas, Regiões “mais carentes”	Sim (13'20")	Norte NE, Sul e Sudeste	01/10/13
Dificuldade de deficientes mentais	Saúde/ Cidadania	Inclusão, obstáculos	Sim (1'08"/4'50')	Sudeste	03/12/2013
Cracolândias	Drogas	Recaídas, conquistas, “cracolândia”	Sim (5'39"/13'08"/19'30")	Sudeste	24/09/2013
Complexo do Alemão	Segurança/ Cidadania	Asfalto, morro dificuldade, polícia, pacificação	Sim (1'44"/1'56')	Sudeste	02/04/2013
Homicídios praticados por Adolescentes	Segurança/ Cidadania	“pesquisas /dados”	Sim (2'23"/3'08')	NE, Centro Oeste e Sudeste	12/08/2014
Justiça com as próprias Mãos	Policial	“por trás”, o “outro lado”, “saturação”	Sim (2'00 / 2'38"/3'47"/ 17'07" / 22'13")	Norte, Centro Oeste e Sudeste	08/04/14
Presídio “mais perigoso do país	Segurança/ Crimes	Facções, Cultos, ordens	Sim (4'28")	Norte	13/05/14
“Rolezinhos”	Comportamento	“espaço”, seguidores, fama	Sim (2'27"/6'20')	Sudeste	22/04/14

Tabela 1 – quadro comparativo sobre a abordagem direcionada a outros temas em Profissão Repórter

O episódio sobre o programa do Governo Federal “Mais Médicos”, seguiu elementos que parecem ter, igualmente, sido utilizados em outras edições, como a utilização abundante de números, em forma de estatísticas para legitimar a situação abordada. Um apontamento positivista que serviu para manter o antigo discurso de deterioração do sistema público, representada na localidade chamada Serra do Ramalho (BA), onde a falta de insumos foi destacada, numa conversa entre servidores públicos locais e os médicos cubanos.

Outras edições analisadas também reforçaram antigas marcas sobre o tema abordado,

como as falas que enfatizam a recorrência ao vício do crack, mesmo após internações ou até mesmo a morte de alguns usuários.

Na edição sobre o Complexo do Alemão, um complexo de favelas localizadas no Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, bem como no episódio sobre as cracolândias, no RJ e São Paulo (SP), percebe-se o conceito de Soares (2009), quando a autora define os estereótipos como “forma compacta obtida pelo processo estereotípico” (SOARES, 2009, p.2), ou uma espécie de clichê (gravação, reprodução) que se torna um lugar-comum, um chavão utilizado sem que nos perguntemos sobre suas significações.

A autora continua sua análise e busca estabelecer que os discursos midiáticos, em geral, e os discursos jornalísticos, em particular, encontram-se repletos dessas expressões, que carecem de explicação. No caso dos estereótipos, ao identificar determinadas posturas ou comportamentos, automaticamente enquadrámos as pessoas que os possuem em categorias previamente definidas. Em relação aos estigmas, diríamos que “os estereótipos funcionam como reafirmação e manutenção de um sistema já instaurado – por meio daqueles – como diferenciador de grupos determinados” (IDEM, p.2).

Reafirmação essa que coube na expressão da repórter, quando, ao subir o morro do Alemão, afirmou que a meta da reportagem era “se distanciar do asfalto”, subindo o cada vez mais, o que estabelecia um discurso de antítese, o já tradicional maniqueísmo entre os dois polos sociais do Rio de Janeiro. As imagens e áudios buscaram destacar características que foram além do simples registro jornalístico de um fato. Mesclaram antigas e novas realidades do Complexo: pessoas mais livres, no seu direito de ir e vir, de subir e descer o morro, ao lado de antigas dificuldades na estrutura das favelas, como a crítica aos acessos entre “ruas” improvisadas e vielas.

Uma técnica que reforçou antigos sentidos sobre o problema, embora tenha evidenciado um novo significado sobre a ocupação, com a aparente maior segurança ao ficar até a madrugada no entretenimento do “novo” complexo.

Já no episódio sobre os homicídios praticados por adolescentes, é possível registrar uma exceção, no que se relaciona, especificamente, ao reforço ou reprodução de antigos estigmas, por força de estereótipos. A edição deu destaque a uma discussão de pauta mais ampla e conduziu o telespectador a uma direção oposta aos sentidos já produzidos por esse tema. A meta foi, a partir de uma pesquisa feita pela própria produção do programa, demonstrar que os índices não são tão elevados – nesse tipo de delito ou latrocínio – como se afirma entre a população e até mesmo entre autoridades que lidam, diretamente, com o problema. Um promotor de São Paulo, Oswaldo Monteiro Neto, entrevistado no episódio

também se surpreendeu com os dados comparativos apresentados pelo jornalista Caco Barcellos no minuto 15 e aos 48 segundos.

A edição buscou demonstrar que muitas informações sobre esta “realidade”, de mortes praticadas por adolescentes não se enquadram no discurso e na reprodução ou reafirmação de estigmas, por meio de adolescentes já estereotipados. Porcentagens mínimas foram utilizadas como mecanismo de comprovar tal condução.

A edição “Justiça com as próprias mãos” segue ao contrário e reproduz antigos sentidos, como o que se volta à 'falência das instituições' como fator gerador principal dessa solução. O episódio também faz um paralelo com outros casos e procura definir que a mesma gravidade, observada em 1993, na chamada 'Chacina da Candelária', quando oito crianças foram mortas por policiais militares, também é refletida 20 anos depois, com o fato de um adolescente ter sido amarrado em um poste por moradores das proximidades, após a prática do delito.

O programa transmitiu a fala de uma artista plástica que esteve presente nos dois acontecimentos: em um, fornecendo ajuda às vítimas da Candelária e, no outro, apoiando o menor de idade que foi espancado. A falta de ação do Poder público é mesmo apontada como causa principal. É transmitido, de um lado, o sentido de que a população está “saturada” pela falta de segurança; por outro, em mais uma discussão de pauta, Caco Barcellos, ao lado da repórter Danielle França, procura estabelecer um limite entre o sensacionalismo e a transmissão das imagens onde outro criminoso é espancado pela população.

A edição expõe as imagens, mas, ao mesmo tempo, se diz contra tal prática e define o ato como uma “barbárie”, que não pode acontecer em países como o Brasil. A matéria sobre o presídio também está entre as que reforçam estigmas instalados sobre o sistema penitenciário e define como principal motivo da violência a briga entre facções criminosas, duas, que se dividem em pavilhões do Complexo Penitenciário de Pedrinhas, no Maranhão.

O emprego da 'Tática' e da 'Estratégia' (CERTEAU, 1994), elementos já tratados nesta pesquisa, também pode ser observado com maior intensidade neste episódio, com mais destaque para os momentos em que Caco Barcellos indagava aos presos com perguntas como “E a vida, como está?”¹⁹.

A edição sobre os “Rolezinhos”, nome atribuído ao movimento que reuniu grandes aglomerações de adolescentes em abril de 2013, também manteve o estigma/cicatriz da relação entre Funk e Periferia. Os integrantes dos “rolezinhos”, que se estimam em mais de 2 milhões, também evocariam tal oposição em relação ao “outro”

¹⁹ Questionamento realizado na edição do Profissão Repórter em 13/05/2014.

Através dos estereótipos, encaixamos as pessoas em uma forma pronta. No caso dos estigmas, trata-se de algo que o estigmatizado evoca em relação ao Outro, uma marca que ele possui e que, de alguma maneira, faz com que o outro o estigmatize. Podemos dizer que o conjunto dessas marcas sustenta o estereótipo e o preconceito (SOARES, 2009, p.2).

O reforço de tal conceito também se dá por meio da internet, que é utilizada pelos líderes dos 'rolezinhos', como uma ferramenta para expressar influência sobre uma comunidade. Há uma inversão: enquanto já famosos utilizam a web como uma consequência da própria fama; os líderes ou organizadores se utilizam das redes e, só a partir delas, obtêm fama e reconhecimento nas comunidades.

Um elemento metodológico que favoreceu uma melhor compreensão dos sentidos produzidos foi a discussão das pautas, que, igualmente, ajudou a perceber que o sentido final não opera em separado daquele que o produz. As discussões de pauta funcionam como uma espécie de narrativa paralela, que se entrecorta pela reportagem/narrativa principal e demonstra, ao mesmo tempo, a história da reportagem e, propriamente, de quem a executa. O que não exclui, nesta operacionalização, a visão de um repórter que, embora busque ângulos variados, ainda possui uma percepção peculiar e tende a afetar os significados sobre o tema abordado.

As informações e variáveis obtidas por meio destas reportagens, que nesta pesquisa se encaixaram como um *corpus* complementar, especificamente, embora em caráter ainda incipiente, nos ajudaram a compreender se o *corpus* específico, com menos ou mais polêmicas envolvidas, pode sofrer o fator da repetição dos discursos e uma retroalimentação entre estigmas, estereótipos e seus consequentes preconceitos, assim como tais elementos também foram percebidos nestas outras edições.

4.3 O nordeste do “Profissão”: o filho de um retirante

A pesquisa partiu de um pressuposto inicial, isso é possível admitir, de que o objeto deste estudo é um possível “filho” dos questionamentos que se iniciaram nos idos dos anos 70, que puseram em cheque o chamado “álibi da objetividade” jornalística, os quais atingiram, dentre outras ciências, o próprio cientificismo da historiografia. Reflexões essas trazidas por autores como Certeau (1994). O programa seria, igualmente, um possível resultado ao que foi acentuado na segunda metade do século XX, quando houve um

deslocamento, por assim dizer, das grandes narrativas, da 'grande história', para as micro narrativas, que passavam a focar no privado, no particular, no indivíduo, como um remédio e uma defesa aos registros dispersivos e fragmentados.

Deslocamentos observados, por exemplo, na própria Antropologia, que passou a privilegiar o testemunho direto, a micro observação. Assim, o jornalismo também partia para a valorização da presença, do corpo, dos *closets*, para o que Figueiredo (2012) define como “as experiências sensíveis” e essas pequenas narrativas se apresentaram como “estratégias de resistência, através da qual grupos colocados à margem pela “grande história” afirmam sua memória e identidade” (FIGUEIREDO, 2012, p.107).

Característica que integra o formato assumido e desenvolvido em “Profissão Repórter”. A falta de distanciamento e suposta imparcialidade que pontuavam um relato foi, aos poucos, substituída por uma aproximação em direção aos fios partidos dessas identidades e memórias como centros de definições de sentidos. O 'nordeste', no programa global, estaria mais para a imagem de um “retirante” (imiscuído nesses deslocamentos citados e migrante desses questionamentos impostos por dogmas jornalísticos e científicos).

As micro narrativas também conduzem, inevitavelmente, a um outro questionamento, o que se recai sobre as próprias obras regionalistas, as quais deram e continuam promovendo a impressão, para o leitor, de que ele se depara com um discurso independente, isento de interditos ou heranças. Continua fornecendo, a esse mesmo leitor, pelo próprio peso literário dos autores e seus romances, a impressão de que o contato feito por tais obras é de fato com o real, um mundo nordestino tal qual ele o é.

Ambas as narrativas – mais amplas, ligadas à “grande história”, quanto às micro narrativas – não estariam isentas ao poder de um discurso e, mesmo que o jornalismo avance em campos de envolvimento, no contato com o outro, na busca de identidades postas à margem, não há como se esquivar da autorreferencialidade que se identifica nas teorias luhmannianas.

Mesmo sujeito a tais restrições, o “Profissão Repórter” se enquadra, por outro lado, às metas defendidas por Comolli (2008), que se esforçou para renegar o cientificismo que marcou as escolas ocidentais, de que o real só seria obtido com o distanciamento e a falta de intimidade com o objeto estudado. O autor valorizou, no seu objeto – os documentários (para ele um último suspiro da busca pelo real), o despojamento aos termos técnicos, a importância à presença, a materialidade do corpo, numa contraposição à condenação do sentimento, das emoções. Em sua teoria, Comolli expressava sua crítica à televisão, na especificidade de sua roteirização massiva do mundo. Nesta linha de pensamento, mesmo considerando as

restrições, o programa global se apresenta como uma alternativa, que representa as modernas narrativas.

Figueiredo encaixa o programa no que define como “estética do *making off*” (2012, p. 110), caracterizada pela presença de um enunciador real e a exposição das mediações que circundam o processo de transmissão da informação. “A encenação dos bastidores dá ao espectador a impressão de que ultrapassou o limiar da passividade, da mera contemplação, pelo conhecimento dos dispositivos que criam a ilusão de realidade” (FIGUEIREDO, p.111).

No entanto, por meio do Estudo de Caso das três edições que integram o *corpus*, foi verificado que tal objetivo também não o é atingido em completude pelo programa. Obstáculos, inerentes à própria atividade fim do jornalismo, estariam presentes neste processo, os quais também interferem na produção dos sentidos – mesmo na característica atual das micro narrativas – ligados ao espaço Nordeste. Um desses problemas apontados pela autora recai, especificamente, na própria idéia de “veracidade”, envolta no próprio desvelamento das mediações.

O contrato de veracidade que tonou possível a construção do jornalismo como um campo diferenciado da prosa literária de ficção esteve, entretanto, sempre em tensão com seu caráter discursivo. Por outro lado, como as notícias e as reportagens não estão apartadas da esfera do entretenimento, sua folhetinização conviveu com a busca positivista da verdade, intensificada no final do século XIX (FIGUEIREDO, p.112).

Veracidade e positivismos que foram reforçados por elementos que, no jornal impresso, se relacionam a distância física, entre o leitor e o local onde são produzidas as notícias, o lapso temporal entre o caos do acontecimento e o ajuste ideológico da informação. Fatores que sugeriram uma suposta objetividade e imparcialidades no processo. Elementos que também fizeram parte da mídia televisa massiva, a qual, além destas balizas, fornecia as imagens em tempo real.

A veracidade, na TV, ganhava o reforço do “ao vivo”, que reduzia ao máximo o tempo entre o fato e o processo informativo. A presença do apresentador, na bancada do telejornal, também abria ao telespectador a sensação de estar em uma conversa, em um diálogo com seu interlocutor, o que ampliou a crença na veracidade.

No entanto, “Profissão Repórter” agrega outros fatores e se apoia em outras balizas a fim de manter a ilusão deste “real”, em especial o “nordeste” apresentado. Os elementos clássicos, que preencheram o telejornal nas últimas décadas, foram mantidos subliminarmente, cedendo espaços de uma narrativa em terceira pessoa, para a primeira,

assumida na presença do apresentador Caco Barcellos e da equipe de repórteres, que dialogam e estabelecem, no lugar do distanciamento, um espaço de convívio, de convite, de proximidades, de conhecimento dos bastidores.

É como se a legitimidade de “Profissão Repórter”, o contrato da veracidade fosse caracterizado por outra roupagem. Tais características não seriam mais preservadas por meio do distanciamento clássico que predominou no jornalismo tradicional, nem seria orientada por padrões objetivos de uma narrativa em terceira pessoa. Ao contrário, o recorte realístico do programa se baseia em relações intersubjetivas, tanto na linha que vai do repórter ao telespectador, quanto na linha que vai do mesmo repórter ao entrevistado e deste para o repórter. Um ciclo mais próximo do cinema documental atual. Há como já dito uma quebra na hierarquia, uma redução nas diferenças que existiam nessas relações intersubjetivas.

Mudanças, de fato, podem ser observadas, por um lado. Mas, por outro foco, o programa não exaure ou estende o debate proposto nas edições. As falas dos entrevistados é quem seleciona o que se encaixa no discurso já estabelecido e, na outra ponta desta condução, as edições também abrem o foco para os esforços dos repórteres, o que deixa a discussão da pauta, especificamente, em superficialidade. A objetividade entra no programa, mas numa espécie de “porta dos fundos”.

Acrescente-se que, no tratamento dado às matérias, o subjetivismo do olhar só se manifesta no campo afetivo. Os repórteres do programa podem se emocionar, mas não se comprometem claramente com juízos críticos, não assumem uma posição diante dos embates entre forças opostas. A visão de mundo que preside o programa se insinua na escolha dos temas, na montagem, na seleção e hierarquização dos personagens (FIGUEIREDO, p.114).

Elementos e características que precisaram ser levadas em conta, a fim de se perceber como o Nordeste é caracterizado ou caricaturizado no corpus desta pesquisa. Preocupações julgadas como necessárias já que as nuances encontradas nas edições, no que se relaciona a outros temas, não exerceram papel definitivo na mudança dos sentidos já sedimentados, como na edição já comentada sobre o real envolvimento de adolescentes em crimes de homicídio.

De um lado, prevaleceu, o índice de que o menor de idade é realmente responsável pelos delitos e em maior escala; de outro, o programa buscou transmitir dados de que a porcentagem é, em verdade, bem inferior àquela que é propagada pelos discursos massivos. No entanto, esse mesmo episódio, também apresentou os responsáveis envolvidos em cenários físicos, como o ambiente das periferias, quanto nos contextos que resultam em vingança e

morte de alguns dos envolvidos.

A meta, a partir das formulações da autorreferencialidade e das mudanças adotadas pela narrativa de “Profissão Repórter”, foi a de verificar em que medida esses elementos afetaram a produção ou não interferiram intersubjetivamente nos temas ligados ao Nordeste. Que “Nordeste” pôde ser, então, observado no corpus deste estudo, a partir desses referenciais, se tornou a pergunta que amplia a lente sobre a problemática deste estudo.

No entanto, outros referenciais foram necessários para se realizar este estudo sobre o *corpus* escolhido. Como já dito, a partir da análise de autoras como Gomes (2012a) e Figueiredo (2012), há uma amplitude de apontamentos que poderiam ser realizados para este fim, mas nos coube como mais adequado recorrer a elementos ligados mais às estratégias textuais do programa, que recaíram sobre a identificação, nos episódios escolhidos para a análise da problemática principal, da Metalinguagem, da Intertextualidade, sem desconsiderar a prática da Desarticulação da sequência temporal e a meta narratividade. Itens escolhidos por serem eles presentes nas narrativas contemporâneas, praticadas em maior ou menor escala na atração global, a fim de se produzir uma ilusão do real.

Embora não abram mão da velha arte de contar histórias, nem tampouco de ingredientes folhetinescos, os produtos midiáticos assimilaram propostas formais da estética modernista decorrentes do questionamento do sentido da arte mimética, absorvendo, inclusive, a quebra dos encadeamentos lineares entre princípio, meio e fim que caracterizaram a narrativa tradicional (FIGUEIREDO, 2012, p.111).

No entanto, o que se observou nas análises iniciais, nos episódios voltados a outras temáticas, apontados anteriormente, se o programa optou por inovações de um lado, por outro prisma, na busca de se opor ao que a autora definiu como “convenções do realismo clássico”, ocorreu a dispensa de outras convenções, que, talvez, fornecessem mais força aos argumentos das edições e permitissem que a “subversão” buscada não se tornasse apenas um outro modelo de um suposto realismo, o qual se apoia apenas em sujeitos isolados para a definição de um quadro.

Embora não elencado nos episódios já citados, um exemplo disto vem da edição que buscou demonstrar a violência nas escolas públicas. A ambiguidade mais uma vez se apresentou, já que os responsáveis por definir essa “realidade” foram apenas professores que lidam com alunos indisciplinados, em salas abafadas e que se sacrificam no exercício da profissão. Toda a montagem do programa se baseou apenas nesses relatos individuais, que reforçaram a caricatura deste tipo de professor e, ao mesmo tempo, reforçou o discurso do

magistério como sacerdócio. As desventuras individuais de educadores foram o foco. Outras iniciativas diferentes ou que estão em outro cenário e até ações governamentais não foram expostas no episódio.

Esteve presente todo o rompimento com as narrativas clássicas e com as convenções que marcam o jornalismo convencional. Porém, outras convenções, como sugere Figueiredo (2012), como a simples busca por outros cenários e até mesmo fatores positivistas, não foram encontrados na edição de 7 de dezembro de 2010. Característica também observada no *corpus* principal desta pesquisa e que não pode ser desconsiderada para a análise do objeto deste estudo e como já exposto anteriormente, na 'busca' pelo Nordeste de “Profissão Repórter”, estabelecemos o recorte baseado em três edições do programa.

Na primeira delas, sobre o Trabalho Infantil, que envolveu duas cidades do eixo sul-sudeste e três edições do Nordeste, sendo duas no Rio Grande do Norte (João Câmara e Santa Cruz), pode ser constatado a presença de dois pólos. A mesma realidade, o mesmo problema, é mostrado com causas semelhantes. Em todas as cidades expostas, como São Paulo e os municípios potiguares, o que leva menores de idade a “trocarem” as brincadeiras pelo trabalho é mesmo a baixa renda das famílias. No entanto, há detalhes peculiares quando se compara o cenário mostrado no programa, no eixo sul-sudeste e nas cidades potiguares.

Enquanto, de forma resumida, os repórteres acompanharam o trajeto do adolescente João Vitor Prado, de 15 anos, em sua vontade de ter seu próprio dinheiro, num ato mais voluntário do que impelido por uma baixa condição financeira – o que é verdade na família; no Nordeste, a reportagem abordou o problema em vários ângulos, mas que se resumiu em apenas um foco: o trabalho infantil não é apenas motivado, nas cidades nordestinas mostradas, especificamente, por condições financeiras desfavoráveis. A realidade parece ser, segundo os recursos técnicos utilizados, como *closes* e fotografias que expunham o drama e o sofrimento de crianças trabalhadoras, com o ângulo em mãos calejadas e pés e rostos sujos (figura 2, a seguir), a única alternativa para os menores de idade.



Figura 2 – Foco nos pés da criança sobre as castanhas descascadas por ela. Reprodução TV Globo

A edição também focou o problema, nos municípios potiguares, como uma espécie de ciclo, vivido tanto na comunidade de Lagoa do Mundaú, em Maceió, capital de Alagoas, Região Nordeste do Brasil, quanto nas cidades do Rio Grande do Norte (Região Nordeste do Brasil).

Um ciclo tradicional, que funciona quase que como uma epistemologia dominante, de senso comum é bem verdade, mas que predomina entre os mais velhos e é transmitida como uma herança para os mais jovens. A edição também recorreu à discussão de pauta, com elementos quantitativos – que ficavam congelados na tela e em preto e branco, surgindo como um elemento conotativo que representa, no episódio, a metalinguagem, praticada em “Profissão Repórter”, onde a reportagem fala da própria reportagem. Uma forma de buscar o cumprimento do contrato de veracidade entre o recorte do “real” que o tema se propôs a mostrar ao espectador.

O episódio se utilizou da intertextualidade, identificada em momentos de informações oriundas do Poder Judiciário e do próprio Ministério Público. A diferenciação entre os dois polos também se denotou neste elemento: enquanto, em cidades nordestinas, as estatísticas e informações de autoridades, com discursos de dramaticidade sobre a realidade, reforçavam o quadro de tragédia de algumas crianças, privadas do direito de brincar; no sudeste, os números apresentados se referiam a concessões dadas pela justiça aos adolescentes que

desejavam trabalhar.

No recorte feito nas cidades nordestinas, as imagens reforçaram o problema através de ângulos e quadros que destacavam a situação de miserabilidade das famílias, o que posicionou o trabalho infantil como uma consequência natural, impulsionada por um ciclo de heranças, tanto de epistemologias, quanto de contextos mais amplos, com razões socioculturais, que não foram expostas na edição.

Os textos, as imagens e os efeitos de dramaticidade, a intertextualidade e a própria metalinguagem do programa parecem favorecer a manutenção de um “nordeste”, onde o trabalho infantil é uma chaga mais aberta do que em outras cidades do país. Nele, no “nordeste” recortado de “Profissão Repórter” foi exposto o argumento familiar de vê-lo como algo natural.



Figura 3 - Take que reforça a dor física resultante do esforço na quebra da castanha. Reprodução TV Globo

O contrato da veracidade, vale destacar, ficou mesmo a cargo da Intertextualidade. O discurso dos jornalistas foi aditado pelos números e pela ação de fiscais do Ministério do Trabalho, os quais, mais de uma vez, em falas como “nós somos os olhos da sociedade. O que ela não vê, nós enxergamos” e na metalinguagem, onde Caco Barcellos dialoga com a repórter Paula Akemi e diz que o objetivo não é a “denúncia”, mas obter um “retrato” do cenário, também contribuíram para a ilusão da “legitimidade” da situação, como se assim, em

todo o nordeste, o fosse.

O prisma abordado no episódio sobre “a maior seca dos últimos 50 anos” também reforçou o estado de sofrimento do povo nordestino, frente a um problema que sempre pode, por assim dizer, não retroceder, mas ser ampliado com o passar do tempo. A edição também recorreu aos mesmos elementos do episódio sobre o Trabalho Infantil e estabeleceu um recorte – para 'denotar' a amplitude do drama vivido – a personagens específicos. No entanto, um quadro bem semelhante, com mudança apenas de personagens e locais, já pôde ser observada pelos telespectadores, em notícias do jornalismo televisivo convencional, como no que foi veiculado no Fantástico de 20 de janeiro de 2013. Ao se comparar dois takes (figuras 4 e 5), por exemplo, e os próprios discursos dos repórteres nos dois programas, ficaria difícil afirmar qual a seca com maior grau de dano ao nordestino.

A “maior seca” foi apropriada pelo “Profissão Repórter”, que não assumiu o título dado, mas apenas afirmou que a meta era a de abordar as consequências “daquela que está sendo considerada a maior seca”.



Figura 4 - Frame da reportagem do Fantástico, em 20 de janeiro de 2013



Figura 5 – Frame “Profissão Repórter” - Maio de 2013

Percebe-se, ao se comparar os dois programas, ambos da Rede Globo, a manutenção de um cenário e de um audiovisual, reforçado por trilhas, similares as utilizadas em produções ficcionais, que ampliam o grau de dramaticidade e delimitam as cidades pernambucanas de Cabrobó e Floresta, bem como as cidades piauienses de São Raimundo e Betânia, como vetores de representatividade de um “real” abordado no episódio.

Em ambos os episódios, observa-se que todo texto é mesmo um interdiscurso, o qual depende de um interlocutor. E a intertextualidade reserva-se aos casos que ocorreram o cruzamento de duas ou mais materialidades textuais que dialogam entre si, representados nos repórteres e entrevistados, nessa relação com o telespectador. O texto passa ser um jogo de “esconde-esconde” com quem assiste ao programa; um momento, dados são ditos, noutro, o silêncio dura mais de três segundos, o que gera ao *take* uma posição comparada a de uma esfinge egípcia, pronto para ser decifrado.

Um desdobramento que depende, em caráter inevitável, do telespectador, o qual recorre a antigos saberes sobre o tema, a fim de desvendar ou absorver o conteúdo demonstrado.

Ao telespectador, cabe a responsabilidade, desta forma, de recuperar a vida do texto, do discurso oferecido pelo apresentador e sua equipe de repórteres, bem como pelas respostas dos entrevistados e, numa sequência esperada, reinterpreta-os, conforme Leal (2009), ao

propor que

O jornalismo convertido num dispositivo produtor de realidades discursivas, cujo propósito é a apresentação dos acontecimentos do mundo, não traz certamente a realidade bruta, mas, antes, imagens cujo real é da ordem do efeito, isto é, dependem da validação (LEAL, 2009, p.131)

O pensamento de Leal (2009) pôde ser visto também no episódio sobre os “Artistas da Noite”, que parece ter buscado apenas a “validação” do telespectador, a respeito do tema tratado. Assim como as outras duas edições do corpus principal desta pesquisa, as quais trouxeram o foco em imagens que buscaram, no telespectador, um gesto validador para a condução de que a seca exposta era mesmo a “pior” das últimas cinco décadas; a edição sobre “Artistas da Noite” priorizou imagens que delimitaram os “artistas” em um mesmo grupo, relacionado com classes sociais mais periféricas (figura 6, a seguir) e envoltos em imprevistos que seriam exclusivos aos “personagens” ali expostos.



Figura 6 – Público em um dos shows de 'Zezo'. Reprodução TV Globo

Há uma estratificação, como se o grupo de “artistas” exposto representasse o todo daqueles que “trabalham, enquanto outros se divertem”. No entanto, há uma delimitação bem específica, identificada no espaço/público-alvo (sertão nordestino), na baixa remuneração, na dependência de equipamentos de som entre os cantores, bem como nas imagens, que focam

no “ouro” usado por um dos artistas e na baixa estrutura que cerca esse tipo de profissional, como no foco dado ao local onde as dançarinas trocavam de roupa, que se dava sob uma cortina improvisada ao ar livre.

O título “Artistas da Noite” denota um universo mais amplo. Contudo, na intersecção entre imagens e áudio, se percebe que se trata de um campo mais estreito, o qual engloba um público bem mais restrito ao que se sugere. Um casal que realiza performances eróticas, nas noites de João Pessoa, recai como um exemplo disto, já que sua “audiência” representa uma seleção de espectadores mais limitada. Para Comolli, acontece a “domesticação” de um “real”:

O funcionamento da televisão gera um mal estar terrível do qual as pessoas estão perfeitamente conscientes. Em cena, apenas os porta-vozes autorizados, classificados, ou então papeis codificados, engessados. E nada daquilo que rege esse tratamento de palavras sem nenhum respeito, grosseiro, feito de cortes, de tesouras, de eliminação dos silêncios, das hesitações, do pulsar da língua, deixa qualquer pessoa indiferente. Sem revelá-los, é disso que as pessoas sofrem (COMOLLI, 2008, p.57)

O episódio retrata os “bastidores” (meta do programa), mas as imagens, conforme Comolli (COMOLLI, 2008), deslocam o olhar dos signos imagéticos para a imagem em si como a verdadeira guia da realidade. É como se essa condução desintegrasse, na visão do autor, os códigos da realidade de fato, o que geraria os níveis de “mal-estar”. Um exemplo disto vem de outro episódio, que buscou demonstrar a relação de outro artista, o símbolo da Jovem Guarda, Roberto Carlos²⁰.

Na edição, que se propôs a expor um suposto “outro lado do 'Rei’”, ficou visível, nos áudios dos repórteres e nas imagens, a inquietude dos jornalistas em construir ou manter uma atmosfera mitológica da estadia de Roberto Carlos em Nova Iorque. Construção demonstrada desde o próprio nervosismo da jovem repórter Julia Bandeira, bem como nas reações dos funcionários do hotel, enfatizadas nas falas, até a vigília de um fã em busca de um aceno de seu ídolo. Elementos esses que contribuem para a legitimação do que se pretende mostrar ao telespectador.

Os elementos audiovisuais identificados na outra edição, sobre os artistas, fincados em polos bem opostos aos do “Rei”, também nos pareceu evidenciar uma nítida divisão entre alta e baixa cultura na representação desconfortante dos repórteres e na escolha dos “fãs” dos

20 Roberto Carlos Braga é um cantor e compositor brasileiro, nascido em 19 de abril de 1941 que, embora tenha iniciado a carreira sob influência da Bossa Nova, no início da década de 1960, mudou seu repertório para o rock, sendo considerado um dos ícones principais do movimento musical batizado de “Jovem Guarda”..
Fonte: www.robertocarlos.com, acesso em 05 de janeiro de 2015

artistas populares, dentre eles, aquele que se auto intitula “Príncipe dos teclados”. Contraposições entre dois programas que refletem a silenciação do telespectador da TV, conforme a fala de Comolli (2008).

É possível afirmar que “Profissão Repórter” trabalha em uma linha de uma bifurcação que se encontram em um mesmo destino: as técnicas na busca pela redenção dos personagens (entrevistados e repórteres que se inserem nos temas/tramas) e no dilema pela propagação do “Real”, que é fruto de um modo, não apenas geográfico, localizado no eixo sul-sudeste, de se observar os “irmãos do Nordeste”. Mas, que envolve processos mais complexos que não estão isentos da grande mídia. Processos esses discutidos anteriormente, em cima de bases como a autorreferencialidade, polifonias e policromias, intertextualidades e metalinguagens, capazes de sustentar um ponto de vista hegemônico e mantenedor de uma epistemologia sobre um povo e uma região.

Neste ponto, um dos elementos de análise, complementares é verdade, a Metalinguagem, trabalha a favor da construção desse “real” ou pela ilusão do real, onde o repórter é heroicizado pelos riscos que corre, por sua capacidade de se sair diante dos improvisos, pelos flagrantes em vários ângulos. No entanto, esse destaque conferido às habilidades profissionais, respaldadas pela experiência de Barcellos, opera em uma via de mão dupla, pois, se, de um lado, sugere uma suposta discussão de pauta, deixa em segundo plano, conforme a autora, cujo pensamento é compartilhado nesta pesquisa, a reflexão mais densa sobre o recorte, sobre o olhar que retira, do contínuo do real, da cena a ser focalizada, e, como consequência, perde-se o valor informativo.

Trata-se de uma bifurcação, que tem, no ponto final deste percurso, o atingir do comportamento do público, tendo a premissa do telejornalismo como um propagador, ao lado da TV, com igual peso, de imagens que são absorvidas em um mal estar (COMOLLI, 2008) velado, porém com técnicas de dramaticidade que transmitem, sim, os bastidores de uma notícia, mas não dela um conjunto mais amplo e múltiplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reflexões produzidas pelo Estudo de Caso, o qual se apoiou, principalmente, na análise das entrevistas conduzidas pela equipe de repórteres do programa, na entrevista realizada no Centro de Convenções de Natal/RN com o jornalista Caco Barcellos, apresentador do “Profissão Repórter”, bem como nas discussões de pauta presentes nos episódios que integram o *corpus* escolhido, foi possível chegar à considerações enquadradas na metodologia de pesquisa. A estratégia foi a de fragmentar uma “parte”, para propor um entendimento do “todo”; entender sobre um organismo mais amplo a partir de elementos que o integram.

Neste fim, ao fazer o recorte de três edições sobre o Nordeste buscou-se, nos métodos escolhidos, identificar elementos de autorreferencialidade, presença ou não de estigmas e estereótipos, noções de representações sociais, que – em sendo presentes – poderiam fornecer um panorama sobre o 'todo' estudado, o qual se representa nesta pesquisa no que foi tecido e se fundamentou como o espaço geográfico denominado como 'nordeste' brasileiro.

Assumimos, neste ponto, que as percepções sobre o “Nordeste”, em “Profissão Repórter”, por um lado, reforçaram práticas colonialistas científicas e/ou epistemológicas e do próprio senso comum, quando reforçadas pelos próprios personagens entrevistados nos episódios. Colonialismo, termo assim cunhado, no que se refere a conhecimentos já estabelecidos ao longo da própria história e noutras ciências e até da própria arte. Termo esse que foi utilizado pelo pesquisador português Boaventura de Sousa Santos, ao discutir e refletir sobre a injustiça cognitiva, sobre a emergência científica, sobre a contra hegemonia, a ecologia dos saberes, a sociologia das ausências e das emergências, sobre o que há de alternativo, na ação de transformação social.

Um reforço que se dava na busca, pela equipe de repórteres, por exemplo, de lugares áridos, da terra seca, do discurso da fome, da miséria, presente também nas trilhas, típicas dos filmes que retratam o nordestino como um retirante, um foragido de sua terra natal, por fatores sociais e econômicos e que, em sua origem, também foram políticos, conforme já foi abordado neste estudo.

Um “colonialismo” epistemológico que trouxe à tela um “Nordeste” estabelecido. O que, inicialmente, gerou dificuldades para o desenvolvimento de análises ou estudos que precisaram ser desenvolvidos com a tentativa de se aplicar um distanciamento, desta vez não do objeto, mas sim, de todas as percepções que já norteiam e apontam para um cenário bem definidor das edições estudadas. Verificar se há algo diferenciado desta imagética em

“Profissão Repórter” foi, antes de tudo, se deparar com a dificuldade de transpor conceitos já pré constituídos sobre este espaço brasileiro.

Uma pré constituição decorrente, em especial, da própria literatura regional, encontrada, por exemplo, em nomes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz (do Nordeste decadente, a região da seca, do flagelado, do atraso, do cangaceiro, do sertanejo). Escritores que forneceram elementos descritivos, que provocaram a imaginação de leitores e, por consequência, suas incorporações nas representações coletivas. Escritos que se inserem num contexto de tempo e tecnologia e de tradições orais, que podem sugerir um limite nesta compreensão sobre o nordestino.

Há sim características do sul, sudeste ou norte do país que são, desde sempre, elementos definidores de tais regiões, como clima, relevo, economia, dentre outros. Há, sem dúvida, itens peculiares que são crônicos e que definem, cientificamente ou no senso comum, o que é o “Nordeste brasileiro”, como a estatística de que três, em cada quatro municípios do Nordeste, estiveram em emergência pela seca, conforme noticiou a imprensa no ano de 2013²¹.

Por outro lado, se existiu uma manutenção de conceitos, também pôde ser verificado que, em “Profissão Repórter”, há o espaço para verificar a possibilidade de existência de novas epistemologias, de alternativas de conhecimentos, antes desconsideradas. Foi possível analisar os critérios de validade de um “conhecimento” acerca da Região, não agora com base apenas em conhecimentos científicos sobre a Região, mas com base na realidade efetiva de um local ou de um indivíduo. Elemento que nos capacitaria para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos.

O Estudo nos permitiu perceber que alguns elementos e práticas “desconhecidas” neste espaço brasileiro, por força de um império epistemológico, não foram totalmente desfiguradas e que ainda resistem em saberes que buscam romper com o que é dito como homogêneo. Conclusão que podemos chegar, somente, na aproximação, na análise dos discursos, das entrevistas, dos elementos técnicos, de áudio e vídeo, dos enquadramentos, se percebem heterogeneidades, estrias naturais, sulcos de pensamentos e pensadores anônimos e mais independentes. Caso esse no qual supomos estar enquadrada a professora que reside na Lagoa do Mundaú, em Maceió, no episódio já descrito e estudado e referenciado nesta pesquisa.

No percurso, se buscou identificar diferentes conhecimentos e como poderíamos distinguir o conhecimento científico do conhecimento não-científico em um dado episódio. Lê-se por científico o pensamento já estruturado e mantenedor de uma epistemologia, de uma

21 <http://www1.folha.uol.com.br/>, dentre outros meios noticiaram o cenário da seca, em 5 de maio de 2013.

visão que resulta em manutenção de estigmas e estereótipos. Se “Profissão Repórter” assim o fizesse, que tal conclusão viesse de apurações livres e destituídas de epistemologias abissais, já incorporadas no ocidente da qual esta pesquisa não se isentaria apenas por vontade própria.

Conhecimentos esses que se intercruzaram nos três episódios. Ora na identificação das consequências geográficas geradas com a seca; ora com o choro do interiorano por ver os animais em morte certa, como na edição da “pior” seca dos últimos 50 anos e ora com a falta de instrução dos pais, ao concordarem com o ciclo dos filhos, trabalhando em feiras livres e no preparo da castanha de caju, na edição sobre o trabalho infantil em cidades nordestinas.

Na maior parte das imagens e do discurso empregado, das entrevistas estudadas, dos termos utilizados, da complementariedade das respostas, um saber já estabelecido sobre o Nordeste foi reforçado. No entanto, rompimentos com o pensamento tradicional também eram transmitidos no mesmo programa, como no caso da ex-marisqueira que se tornou diretora de uma escola e busca, atualmente, reproduzir um novo saber em sua comunidade da Lagoa de Mundaú, em Maceió. Caso específico que ajudou a compor o 'todo' estudado.

O desafio foi estabelecer as conexões entre o que seria uma contradição, incompatibilidade, bem como a complementariedade de saberes. Contudo, se verifica que, de fato, predominou e foi fixado no telespectador o arquétipo já conhecido sobre as regiões nordestinas. Na edição da grande seca, por exemplo, as imagens evidenciaram a paisagem da caatinga com suas peculiaridades, a terra seca castigada pela aridez do solo, rachada, os moradores com as latas na cabeça, na esperança de trazer água, mesmo barrenta, de algum fio de rio.

Embora lapsos de uma outra epistemologia tenham sido verificados em “Profissão Repórter”, as reportagens parecem mesmo ter recorrido ao previsível, com personagens previsíveis, cenários previsíveis, ao se elegerem pessoas sofridas, com o rosto e olhares tristes, em especial as crianças, com dentes manchados e respondendo que, mesmo após o trabalho “doméstico” ainda não podiam “brincar”, mas “ajudar” os pais com outros afazeres.

Um indicativo disto, que poderia nos escapar sua importância, está mesmo na discussão de pauta ou das edições ou dos passos que seriam tomados pelo repórter. Fator que facilitou a compreensão qualitativa do tema abordado e que, com certa regularidade, nos conduziu a somente uma reflexão: a de que a discussão dos passos a serem dados pelo repórter, ou os comentários em “off”, se sobrepõe, destacadamente, diante da própria voz daqueles que são ouvidos nos episódios. A máxima de ouvir vários ângulos de uma notícia ou fato cede lugar ao que se é apresentado ao telespectador como “bastidores”.

O “bastidor” do tema proposto assume um posicionamento onde são discutidos

direções a serem tomadas pelo repórter, que, em via de regra, independem do que será dito pelo entrevistado. Sobreposição que se torna mais perceptível quando se analisa sob a ótica do jogo entre tática e estratégia, já abordado anteriormente neste estudo e que se exemplifica ou se torna nítido no episódio de 17 de junho de 2007, quando foi definido verificar a reação de pessoas à espera de seu documento de identidade. A reportagem indagou uma mulher que esperou muito tempo para obter o RG e a pergunta foi convencional e a resposta, por sua vez, previsível e lacônica, embora com traços de emoção.

Embora exista, nesta pesquisa, o reconhecimento de que há, de fato, uma busca frenética por informações no campo mais adequado para obtê-la – a rua, não é nela que se sedimenta o tema, conforme defende o apresentador na entrevista realizada em outubro de 2014, no Centro de Convenções de Natal. O tema se formata e se sedimenta nas ilhas de edição, nos comentários e nas conduções do assunto, sobre que local ir ou que pessoa ouvir, em decisões tomadas, via de regra, por Caco Barcellos.

A observação das discussões de pauta se somou à análise de discurso de uma das edições, a qual colaborou para verificar o objeto desta pesquisa, ao enxergar o discurso como advento da vida social, a partir de suas condições de produção, como fortalecedor de representações sociais. Condições essas que tem raízes ideológicas, que sorvem formações discursivas, atuais e passadas, que permanecem fazendo eco umas às outras, as quais, sob a força dos contextos sociais e históricos delimitam suas fronteiras e traçam seus contornos. Vivem, se mantêm e se propagam no que Gomes (2012b) definiu como “discursos circulantes” (GOMES, 2012b, p. 25).

A exceção do episódio sobre as estatísticas de homicídios praticados por adolescentes, quando o programa, por meio de números, como forma de autenticar o discurso, promoveu um sentido diferenciado para o tema, o assunto “Nordeste” foi evidenciado nestes discursos circulantes no *corpus* estudado.

Nas reportagens estudadas, o “Nordeste” de “Profissão Repórter” se apresentou com a mesma temática recorrente nas pautas da mídia mais convencional, em especial, a forma que é tratada pela televisão, as quais são elaboradas a partir de noções já pré construídas. Fator esse que gera um efeito sistêmico, um *loop*, que repete/transforma sentidos já historicamente fabricados. No episódio da “grande seca”, por exemplo, é predominante, como já descrito, o cenário recorrente, onde prevalece, por exemplo, as imagens da terra castigada pela aridez, do rosto do sertanejo castigado pelo sol, do gado morto no pasto seco ou a beira das estradas carroçais. Permanece um fazer fragmentário de produção em um texto jornalístico e televisivo, o qual retroalimenta um repertório de representações sociais acerca do 'nordeste'.

Foi observado no objeto de estudo o fragmentário que é exemplificado na repetição dos textos e nas seleções de imagens, como um dos caminhos para se compreender a tensão entre o sentido já conhecido e algum outro sentido supostamente diferenciado ou a tensão entre a permanência dos fragmentos de estereótipos historicamente produzidos pelo próprio discurso sociocultural da “nordestinidade”.

Embora nos fosse uma suposição inicial de que a Televisão ainda apresenta um vasto poder de penetração e de formulação de sentidos, já que, para muitos, ela, a TV, quanto aparelho eletrodoméstico e quanto veículo “informativo”, é mesmo a única inserção e meio de acesso a realidades e construções imagéticas socioculturais, não nos parece apropriada a definição, conforme Bourdieu, que “Caminha-se cada vez mais rumo ao universo em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política” (BOURDIEU, 1997. p.29). É preciso considerar que outras mídias, atualmente e com mais força num futuro próximo, mais especificamente as mídias digitais ou redes sociais, podem colaborar a desconstrução de conhecimentos já estabelecidos.

Nas reportagens analisadas, a despeito do elevado nível técnico e de cumprir com a demonstração de alguns detalhes de bastidores da notícia, o programa global reforçou arquétipos, construções imagéticas, já que as edições são compostas de personagens que podem ser descritos como previsíveis, como no caso daqueles que residem em zonas rurais castigadas pela seca, nas cidades pernambucanas visitadas, com o foco e ângulos em pessoas visivelmente sofridas, através de seus semblantes tristes e marcados pela escassez de alimentos e água, bem como em crianças, sujas da lama de rios e da fuligem das castanhas queimadas. Tudo acompanhado por trilhas musicais ou do próprio meio ambiente que reporta o telespectador a memórias sonoras ligadas ao nordeste brasileiro.

Os fatos narrados, os textos, as trilhas, as imagens e até mesmo o silêncio do agricultor sem esperança, compuseram um roteiro e uma caricatura já bem conhecidas do telespectador.

Contudo, por outro lado, é preciso enfatizar que não enquadramos o “Profissão Repórter” em uma espécie de produtor político sobre o objeto de estudo. Não se trata de uma produção corriqueira, uma defesa epistemológica, uma produção do pensamento, mostrando as contradições gerais que existem dentro do jornalismo. Não há uma postura contra hegemônica no “Profissão Repórter”, mas há uma execução de pautas eventuais. (diferente do Mídia Ninja, por exemplo). A prática do PR sobre o NE é ocasional. Se este programa faz algo diferente é ao nosso ver para se distanciar dos demais e ganhar notoriedade e audiência. Não se trata de uma postura política, militante, de um compromisso, se trata de uma postura comercial para ganhar mais espaço entre os demais.

A partir dessas considerações, esperamos, ao fazermos uma avaliação de nosso trabalho, ter contribuído de alguma forma com nossos pares. Dada à limitação de pesquisa sobre as representações do Nordeste e do nordestino na mídia, esperamos trazer algum ponto de reflexão para outros trabalhos que venham ajudar a preencher a lacuna com outras abordagens na mídia. No entanto, defendemos que a ignorância sobre outros saberes é reflexo, ainda, de nossa própria ignorância e não da inexistência de realidades ou conhecimentos.

6 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.
- ARBEX, José Junior. **Showrnlalismo: a notícia como espetáculo**. Local: São Paulo: Casa Amarela, 2011.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. A História da Polícia que Mata. Rio de Janeiro: Record, 2003a.
- BITTENCOURT, L. C. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Sobre a Televisão**. Tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. São Paulo: Globo, 2008.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUCCI, Eugênio. In NOVAES, Adauto (org). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- BURGH, Hugo de (Org.); **Jornalismo Investigativo: Contexto e Prática**. Local: São Paulo: Roca, 2008.
- CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade. Discurso e prática do regionalismo nordestino**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994. (Arte de fazer, v. 1)
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- DALEA, Roger; ROBERTSON, Susan. **Interview with Boaventura de Sousa Santos. Globalisation, Societies and Education**, n. 2, v. 2, p. 147-160, 2 jul. 2004.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução em português Terraviva. Editorações, tradução, prefácio e versão para ebook ebooksBrasil.com. Projeto Periferia, 2003.
- DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (Editores). **Handbook of qualitative research**. (2 Ed.). Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications. 2000.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. Local: São Paulo: Summus, 1986.
- DURKHEIM, Emile. **Representações Individuais e Representações Coletivas**. Filosofia e Sociologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975. p.15-49
- FARR, Robert M. De las representaciones colectivas a las representaciones sociales: ida e vuelta. In: CASTORINA, José Antonio (org). **Representaciones Sociales: problemas teóricos y conocimientos infantiles**. Barcelona: Gedis editorial, 2003. p.153-175.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Enunciação, autorreferencialidade e incompletude**. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 34, dezembro de 2007. Quadrimestral. p. 78-85.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Cena desdobrada: o palco dos bastidores. In: SOARES, R. de L., GOMES, M. R. (Orgs). **Profissão Repórter em Diálogo**. São Paulo: Alameda, 2012, p.105-116.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Local: São Paulo: Contexto, 2005.
- GUARESCHI, Pedrinho A. . **Psicologia, Subjetividade e Mídia**. In: FURTADO, Odair. (Org.). II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia. Recife: Ed. Universitária, 2004, v. 1, p. 29-34.
- GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- JAPPE, Anselm. O Reino da contemplação passiva. NOVAES, Adauto (org). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter**. 2012. 440 f. Tese (Doutorado em em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. 2012.
- KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **Circulação crítica de Profissão Repórter: análise de comentários em blogs**. *Novos Olhares*, [S.l.], p. 32-45, jun. 2013. ISSN 2238-7714.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- LEAL, Bruno Souza; VALLE, Flávio. **O telejornalismo: entre a paleo e a neotevê**. *Contemporanea*, vol. 6, nº 1. Jun.2008.
- LEAL, Bruno Souza. **“Informação e imagem no telejornal: reflexões sobre um regime de visibilidade”**. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, Vol. 32, n.1, jan-jun, 2009.
- LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.
- LUHMANN, Niklas. **The reality of the mass media**. Stanford, California: Stanford University Press, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. Summus Editorial, 1988.
- _____. **Ciência e Jornalismo – Da Herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência: um estudo do Linha Direta**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2002.
- _____. **A inversão do olhar: perspectivas para a análise de discurso nos estudos da comunicação**. *Revista Líbero*, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 39-50, 2010.
- _____. **Tramas discursivas: apontamentos para a análise dos efeitos de sentido no telejornalismo brasileiro**. In: GOMES, I. M. M. (Org). **Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael; **Qualitative data analysis**. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc. 1994.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA. M. S. B. S. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2005.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira. 1997.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.
- POPPER, Karl Raymund. **Lógica das ciências sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as Ciências**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia**. Local: São Paulo: Summus, 2005.
- SIQUEIRA JUNIOR, Paulo Hamilton. **O direito na sociedade da informação**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- SOARES, R. L. **De Palavras e Imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais**. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.
- SCHIMIDT, Benito Bisso. **Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas:**

- Aproximações e Afastamentos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.
- TIRLONI, Salvador Francisco. **Estúdio de Televisão: metodologia de implantação e aplicação de estudo de caso em órgão público**. Florianópolis: Visual Books, p. 97, 2007.
- VIEIRA, F. L. R. **A Teia Inescapável do Regionalismo Nordestino: “a Invenção do Nordeste e outras falas”**. Revista Conceito. João Pessoa, v. 4. N. 5, janeiro-junho/2001.
- VIZEU, A. e CORREIA, J. C. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: VIZEU, A. (Org). A Sociedade do telejornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

7 APÊNDICE

Transcrição da entrevista realizada com Caco Barcellos, criador e apresentador do “Profissão Repórter”, realizada em 20 de outubro de 2013, no Centro de Convenções de Natal, durante o I Congresso Internacional de Comunicação da UNP. Oportunidade facilitada pela assessoria de imprensa da unidade de ensino, representada pela coordenadora de Comunicação Ana Paula de Souza.

1- Caco, boa noite, sou Ubiratan Junior, mestrando em Estudos da Mídia, pelo programa de Pós graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e minha dissertação é referente ao Profissão Repórter e como o programa aborda o Nordeste e os temas ligados ao nordestino. Há uma forma pré-definida relacionada ao Nordeste, que é confirmada nas reportagens ou não há uma visão do sudeste sobre essa questão? Há uma abordagem livre? Ah, pode me chamar de Bira.

Resposta: Bira.. sempre há a realidade de que a reportagem é feita por um repórter que nasceu no sudeste ou sul, ou outro estado que não seja o Nordeste, fazendo uma reportagem sobre o Nordeste. Mas, tentamos abordar vários ângulos, ouvir várias pessoas, pra, assim, abordar o tema e, em certos casos, temos utilizado até profissionais que moram na própria localidade ou até de fora do país, o que fornece um olhar mais independente sobre o assunto.

2- Caco, ainda nessa questão, como trazer um ângulo diferente daquele que já está 'esteriotipado', no que se refere aos temas sobre o Nordeste, por se tratarem de assuntos já conhecidos, como a 'seca', 'trabalho infantil', dentre outros? Será que a abordagem destes temas não sugere um link com visões já estabelecidas sobre eles?

Resposta: Olha... nós tentamos chegar sem avisar e ficamos monitorando o lugar do fato, as vezes por semanas, meses, pra poder falar sobre algo. Então, ocorre que o tema acaba sendo abordado de forma mais independente dessa realidade geográfica e dessa diferença entre sul e norte, sudeste e nordeste. O que buscamos com o Profissão é utilizar jovens profissionais que possam também trazer um frescor sobre alguma temática brasileira.

3- Mas, será que há mesmo um meio deste 'jovem' repórter não interferir?

Resposta: Queremos que o entrevistado nos permita conhecer seu dia a dia, que ele também se envolva. Afirmam que o sucesso do programa é o novo formato, mas eu insisto que o ponto é o conteúdo. Essa coisa do envolvimento, de ficar meses para contar melhor uma experiência, uma história. Acredito que, por mais que você tenha uma camisa de força da sua interferência, ainda assim o fato, o cenário, o personagem ouvido tem realmente ali uma força imensa. Isso faz o programa ter a história de um jeito, de outro ponto de vista... você diversificar a temática.